

OCTA mag



OCTA mag

10º Edição - 2023

Realização:
Departamento de Moda
Centro de Artes Universidade do Estado de Santa Catarina

Coordenação geral:
Amanda Queiroz Campos

Equipe editorial:
Adriana Suzena
Akina Daniela Baba
Beatriz Bastos
Carolina Bonatelli
Elisa Bordignon
Greg Malaquias
Janielly Barbosa
Kamille Vieira Costa

Staffs:
Alice Levy da Paz
Igor Ribeiro
Isabelle de Barros
Miguez
Giovanna Grigorazzi
Karina dos Santos da Silva
Larissa Santiago Cabral
Leticia Santandrea
Weller
Nicolas Santos Nunes
Thiago Strozak
Victoria Pires Zanon

Apoio:
Beatriz da Silva Pereira
Bruno Ferrera
Carla Pietra
Douglas Sielski
Maria Catarina Sorato
Nati Régis

CAPA
Fotografia e Edição:
Carolina Bonatelli

Cabelo e Maquiagem:
Carol Barragana

Modelo:
Déia Santos

EDITORIAIS

Fotografia e Edição:
Carolina Bonatelli
Flávia Dummer

Cabelo e maquiagem:

Carol Barragana
Marina Costa
Noelle Ulian

Modelos:

Fernanda Yuna
Déia Santos
Desiree Fuchs
Júlia Junqueira
Juliana Tavares

Agradecimentos:

Ana Clara Silveira
Fotografia
Bruno Ferrera
Carlos Ali

Staffs:

Coleção Marias por Paula Martins
Douglas Sielski
Estúdio Over Digital
João Batista Martins
Cardoso
Laboratório de Fotografia do Ceart | Cláudio Brandão
Simone Bonatelli
Cardoso
Sissy Leather
Shine Brait

CATÁLOGO

Prototipagem 3D:
Giovanna Thereza
Fantastic Studio
Fashion

Diagramação:

Adriana Suzena
Akina Daniela Baba
Cíntia Kushi
Fotografia e Tratamento de imagem :
Ana Clara Silveira

REDAÇÃO

Amanda Queiroz
Campos

Daiane Dordete S. Jacobs

Daniela Novelli
Dilmar Baretta
Giovanna Thereza

Greg Malaquias
Hanayrá Negreiros

Janielly Barbosa
Luciana Dornbusch
Lopes

Mara Rúbia Sant'Anna
Nicolas Santos Nunes

Sandra Makowiecky
Valdecir Babinski
Verdi Vilela
Vitória Bobsin

PROJETO EDITORIAL

Adriana Suzena
Akina Daniela Baba
Cíntia Kushi

IMPRESSÃO

Gráfica AS

TIRAGEM

1 mil cópias

OCTA Mag é um título independente, produzido do OCTA Fashion Udesc, produzido pelos alunos da oficina fase do curso de Bacharelado em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, na disciplina Coordenação de Evento de Moda. Todo o conteúdo da revista é utilizado de forma

representativa, sem fins comerciais. Todas as imagens foram reproduzidas com a autorização prévia dos responsáveis, sendo lícitas de publicação.

Pela primeira vez o Octa Fashion adota uma versão expositiva. As costumeiras passarelas dos desfiles de moda foram transladas para a sala do Museu da Escola Catarinense (MESC). Nosso objetivo primordial consiste em apresentar o processo de desenvolvimento das 38 coleções autorais dos recém-formados bacharéis em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). O fio condutor dessas criações foi o tema ciclos. Os ciclos que não só marcam a periodização da vida, dos hábitos, dos costumes, mas também nos ajudam a compreender algo que beira o inapreensível: o tempo.

Cada aluno interpretou o tema a partir de sua subjetividade, expressando percepções próprias em cada item das coleções aqui apresentadas. No folhear das próximas páginas você encontrará as criações prototipadas digitalmente, seus respectivos releases, com links que direcionam para as páginas dos criadores. Nossa proposta é que a revista siga a mesma divisão da mostra em vídeo em três grandes ciclos – a mostra audiovisual exibida no MESC entre 03 e 30 de março de 2023 pode ser acessada através QR code do verso desta revista.

Além das coleções, a Octa Mag apresenta três editoriais fotográficos: Ancestralidade, Ciclos e Caos. Cada um deles possibilita ao expectador que se identifique com as linhas da ancestralidade que nos conectam em teia com o passado e o futuro; com as transformações dinâmicas dos ciclos; e com o vazio primordial do caos.

Este impresso é composto por imagens e por palavras. Palavras que aqui tecem textos. Nossa tecelagem combina diferentes vozes e interlocutores. Os discursos aqui impressos buscam propor um retrato da moda contemporânea e seus futuros traços. Os artigos, ensaios e entrevistas publicados abordam díspares questões que permeiam o Octa Fashion 11: a Moda Digital; os desenvolvimentos têxteis; o museu e os demais espaços expositivos; a memória; os processos curatoriais; entre outros.

Os textos e as imagens que compõe esta revista não foram escritos, fotografados ou projetados por uma só pessoa. Para além de toda uma equipe composta por formandos e alunos do curso de Moda da Udesc, muitos professores e colaboradores auxiliaram-nos na realização do evento e na composição desta publicação. Fruto de todo esforço conjugado, agradeço em nome da equipe e do departamento de Moda.

Ao arremate, pontuo que a Octa Mag busca dar a ler e a ver o Octa Fashion a partir de múltiplas experiências. Experiências que através destas páginas se multiplicam, sobrevivem. Esta revista não pretende fechar um ciclo, mas registrá-lo. Para que seja ininterruptamente revisitado.

Prof. Dra. Amanda Queiroz Campos
coordenação geral OCTA Fashion 11

Sumário

CICLOS

CICLO 1.....	26
CICLO 2.....	70
CICLO 3.....	106

TEXTOS

SOBRE O TEMA	13
ENTREVISTA COM HANAYRÁ NEGREIROS.....	52
O MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE E SEUS FORMATOS PARA EXPOSIÇÕES E EVENTOS.....	66
ENTREVISTA COM VERDI VILELA.....	99
MODA DIGITAL: O QUE MUDA E O QUE PERMANECE.....	102
CULTURA DE MODA E UM CAMPO EXPANDIDO DE INSERÇÕES PROFISSIONAIS.....	134
A MODA NÃO FORMA [FAZ] APENAS ESTILISTAS!	135
TÊXTEIS PÓS PANDÊMICOS.....	150

EDITORIAIS

CICLOS.....	14
ANCESTRALIDADE.....	56
CAOS	138

INSTITUCIONAL

OCTA FASHION	7
CENTRO DE ARTES.....	9
DEPARTAMENTO DE MODA UDESC	10

PRODUÇÃO

FORMANDOS.....	154
COLABORADORES E APOIO	156
CRÉDITOS DO EVENTO.....	158

CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA DA UDESC

ARTES VISUAIS ARTES VISUAIS ARTES VISUAIS

DESIGN DESIGN DESIGN DESIGN DESIGN

MODA MODA MODA MODA MODA MODA

MÚSICA MÚSICA MÚSICA

TEATRO TEATRO TEATRO

- [!\[\]\(b7e1c8bc060ab2af8bc42ce81bfcf3c4_img.jpg\) udesc.br/ceart](http://udesc.br/ceart)
- [!\[\]\(2d0771195b0e0240efcbd9d75c7cddb8_img.jpg\) udesc.ceart](http://udesc.ceart)
- [!\[\]\(2877759bcf4a3609f6b92cbc19de8848_img.jpg\) udesc_ceart](http://udesc_ceart)
- [!\[\]\(28f8e7c07e6223706c823723c822f20f_img.jpg\) udesc.ceart](http://udesc.ceart)
- [!\[\]\(d87d73a74f22e314c531cbe6e8724268_img.jpg\) udesc_ceart](http://udesc_ceart)
- UdescCeart

OCTA FASHION: INOVAÇÃO E ORGULHO PARA A UDESC

Inovação. Essa é uma marca importante, dentre tantas outras, do nosso Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas, ou OCTA Fashion. Um evento que muito orgulha a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e que nos últimos anos tem se reinventado levando em conta circunstâncias como a pandemia, em 2020, quando ocorreu totalmente online. E, neste ano, na sua 11ª edição, o evento será realizado de forma inédita no Museu da Escola Catarinense (Mesc), da Udesc, no Centro de Florianópolis.

Falamos em inovação pois o OCTA Fashion sempre foi conhecido no meio da moda por conta do tradicional desfile organizado por professores e alunos. Isso em um contexto anterior à pandemia. Desde então, o OCTA Fashion tem se reinventado e, neste ano, dá espaço ao OCTA digital, com uma exposição artística no museu para apresentação das coleções e processos criativos. Tudo isso, caros leitores, através de modelagens tridimensionais dentro de um software de computador.

No evento, 38 formandos apresentaram seus trabalhos. Em tempos de metaverso, o OCTA Fashion se aproxima desta realidade com a alteração do formato do evento já tradicional no calendário do mercado da moda em Santa Catarina. Além da exposição artística, esta edição do OCTA Fashion prevê ainda exposições físicas e o lançamento da OCTA Mag, uma publicação referência no campo da moda em Santa Catarina e no Brasil, e que tem ditado tendências para o meio.

Tudo isso, sem dúvida, nos enche de orgulho. O OCTA Fashion é um verdadeiro patrimônio da nossa Udesc e da sociedade catarinense. A importância deste evento vai desde a revelação de jovens talentos para o mercado de trabalho, como o lançamento de tendências e estudos que impactam e influenciam o mercado. Além de elevar o conceito do nosso já reconhecido curso de graduação em Moda, um dos mais premiados do Brasil.

Como reitor da Udesc, gostaria de parabenizar todos os organizadores do evento, professores, técnicos e alunos, que se dedicam todo ano para transformar o OCTA em história. A universidade agradece a dedicação e o trabalho exemplar de todos.

Desejo uma boa leitura da OCTA Mag e um ótimo OCTA Fashion!

Dilmar Baretta
Reitor da Udesc



Fachada da Udesc Ceart com iluminação realizada pelo Luz Laboratório de Tecnologia Cênica. Foto Núcleo de Comunicação Udesc Ceart - Divulgação

Centro de Artes

CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA DA UDESC
- EDUCAÇÃO, CULTURA E EXCELÊNCIA

O Ceart foi fundado em 11 de dezembro de 1985 e estruturou-se, ao longo destes 37 anos, no ensino, na pesquisa e na extensão, oferecendo atualmente cursos de graduação nas áreas de Artes Visuais, Design, Moda, Música e Teatro, e cursos de pós-graduação em Artes (mestrado profissional), Artes Visuais (mestrado e doutorado), Design (mestrado e doutorado), Moda (mestrado profissional), Música (mestrado e doutorado) e Artes Cênicas (mestrado e doutorado).

Mais de 1.400 estudantes compõem o centro na graduação e pós-graduação. O Ceart conta ainda com quase 80 professores e professoras efetivas e mais de 30 substitutas, além de 50 servidores e servidoras técnicas efetivas. Como importante ator na área da extensão universitária, o Ceart conta com mais de 35 programas de extensão e 10 projetos de cultura. Na área da pesquisa, são mais de 20 grupos em atuação. O centro é responsável ainda pela editoração de 14 periódicos científicos.

Reconhecidas ações são desenvolvidas pelo Centro de Artes, Design e Moda da Udesc, como o FIK – Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler, o Ceart Aberto à Comunidade, o Observatório de Cultura e Tendências Antecipadas – OCTA Fashion, o Floripa Eco Fashion, a Orquestra Acadêmica da Udesc, dentre diversas exposições, recitais, apresentações cênicas, palestras e cursos de extensão gratuitos oferecidos à comunidade. Essas e outras atividades organizadas por docentes, técnicas/os e estudantes ocorrem tanto no Ceart quanto em outros espaços culturais da cidade e do estado, oferecendo uma constante programação cultural, artística e educativa para Florianópolis e para Santa Catarina.

O Ceart é responsável pela formação de uma plethora de artistas, designers, estilistas, professoras e professores, trabalhadoras e trabalhadores da cultura. Carregamos conosco parte ativa da transformação artística e cultural que Santa Catarina teve nestas últimas décadas. Nossas egressas e egressos se espalham pelo estado, pelo país e pelo exterior, refletindo em suas práticas profissionais a excelência e a criticidade proporcionadas pela formação de graduação e pós-graduação, que estão implicadas também nas atividades de pesquisa, extensão e cultura da UDESC CEART. Esperançamos, sempre, que suas atuações possam ser práticas de liberdade e de sonhar conquistas em coletiva, reconhecendo e valorizando as diferenças para que o sonho com uma vida digna e um mundo melhor não seja privilégio de poucos, mas sim um direito de todos os seres vivos.

Profa. Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs
Diretora Geral do Centro de Artes,

Departamento de Moda Udesc

O CURSO DE MODA E O OCTA

FASHION XI

O curso de Bacharelado em Moda que integra o Centro de Artes, Design e Moda - CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina exibe a décima primeira edição do OCTA Fashion e a segunda em Moda 3D, sendo o evento que consagra a experiência de formação educacional dos estudantes como criadores em moda autoral.

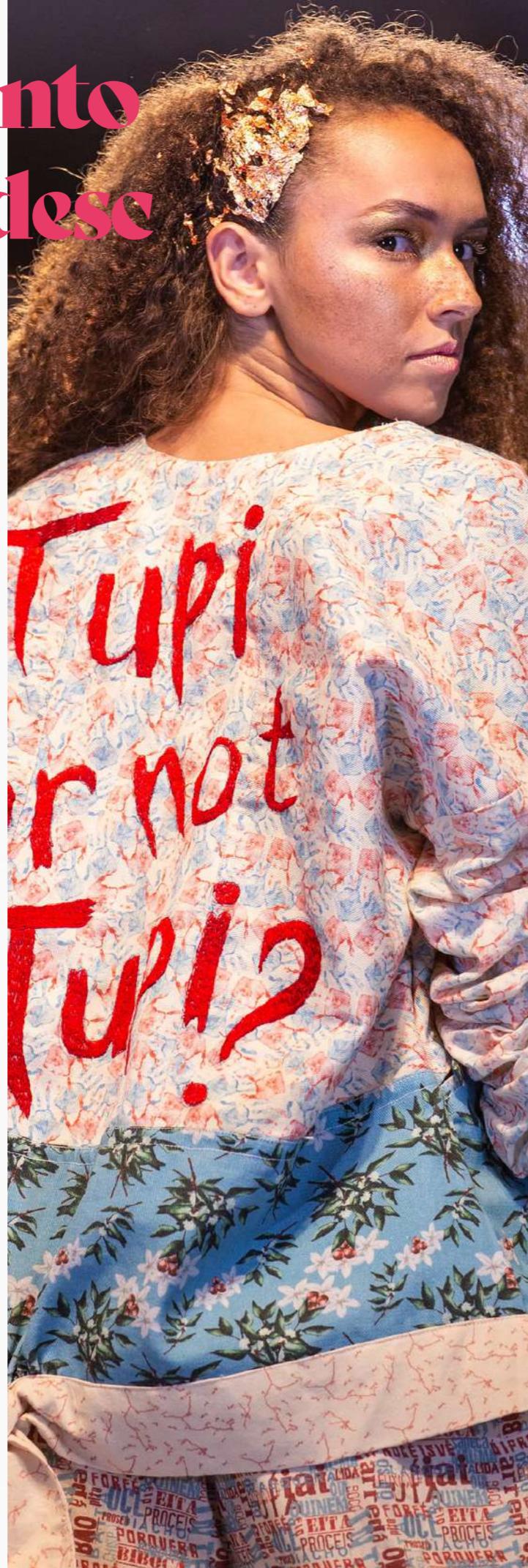
Durante o percurso como estudantes foi-lhes proporcionado aprender a área de conhecimento de Moda em sua dinâmica interdisciplinar e seus campos de Ciência, Arte e Tecnologia, perpassando as atividades teórico-científicas, prático-artísticas e aplicativo-tecnológicas nas categorias universitárias de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse caminho curricular cursado nas disciplinas dos eixos estruturantes: fundamentos teóricos e críticos, habilidades instrumentais e habilidades projetuais e de gestão, foram adquiridos os conhecimentos associados que sustentaram seus projetos de coleção e o desenvolvimento como produtos de moda para a exposição no Museu da Escola Catarinense em Florianópolis/SC.

Seguindo no cenário desafiador que se formou com a pandemia por Covid-19 e que acelerou os processos de desenvolvimento em tecnologia informatizada do vestuário, proporcionando novas formas de experimentações criativas e de modelagem protótipica, a turma de formandos e formandas de 2023 incorporou a inovação tecnológica da Moda Digital 3D, quando conduziram a direção criativa dos projetos de coleção num processo colaborativo orientado pelos professores e executados por profissional contratada pela UDESC CEART.

Foto por: Douglas Sielski

Mini coleção ARREDÁ de Laura Blézins



Corpo docente do departamento de moda. Fonte: site do departamento

No âmbito do CEART se formam os criadores de moda autoral com espírito empreendedor, capazes de exercer a sua criatividade orientada pelo pensamento reflexivo, e atuar com sua sensibilidade artística para planejar, projetar e desenvolver ideias e produtos de moda.

Florianópolis como a capital da inovação revela profissionais na criação e desenvolvimento de produtos, em condições de intervir de maneira sustentável, inovadora e socialmente compromissada no mercado de moda, promovendo os princípios éticos e estéticos nas relações entre seres humanos.

E Santa Catarina promove profissionais de moda aptos para atividades nas áreas acadêmica, comercial, industrial ou prestação de serviços, a partir de uma formação que amplia as fronteiras do conhecimento na cooperação conectada de abrangência global que o recurso tecnológico-digital opera por meio da internet.

A Revista OCTA Mag demonstra o desempenho acadêmico-profissional da gestão criativo-produtiva das composições conceituais dos formandos e formandas em Moda da UDESC, apresentadas nesta plataforma multimídia de comunicação que é o evento OCTA Fashion XI. #issoébrio



Profa. Dra. Luciana Dornbusch Lopes
Chefe de Departamento de Moda
UDESC CEART

Foto por: Wagner Locks

Teciteca UDESC

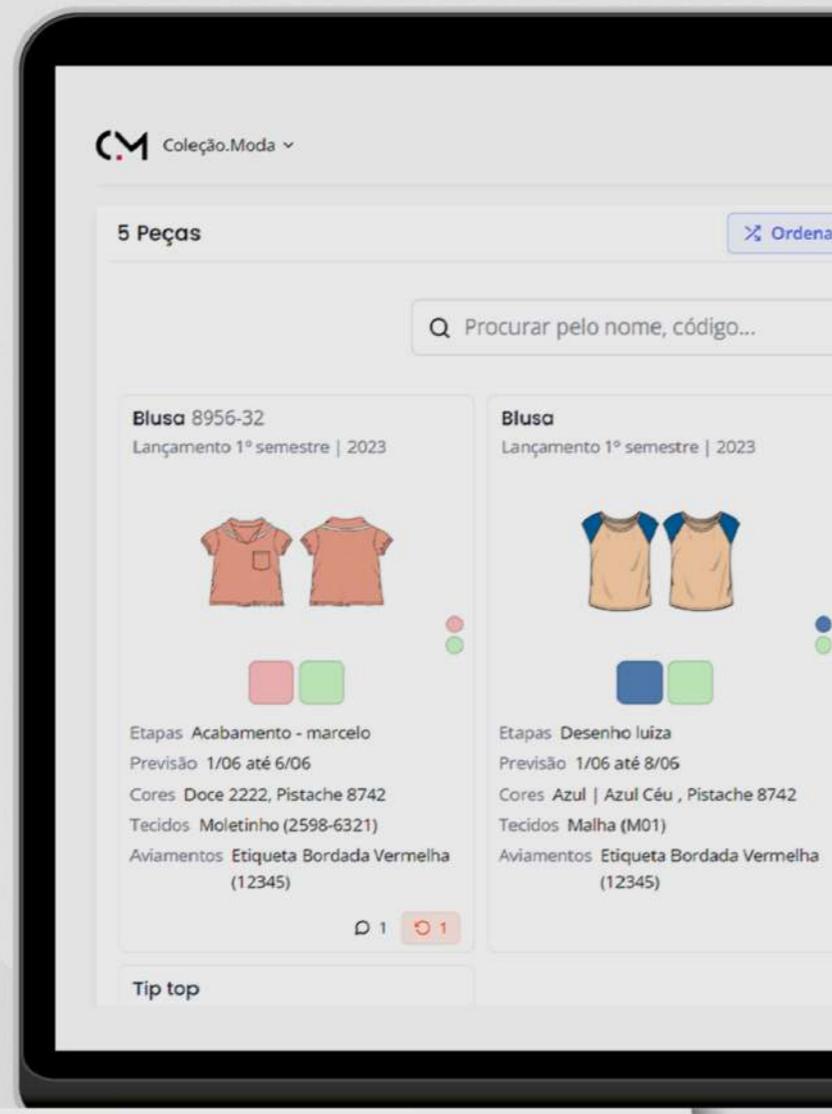
COLEÇÃO.MODA

moda

tecnologia

O software
que gerencia
sua coleção
de **moda**!

O *Fashion PLM*
que te move!



@c.m_oficial



www.colecao.moda

Ciclos

Por Daniela Novelli

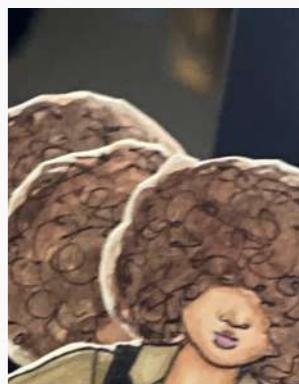
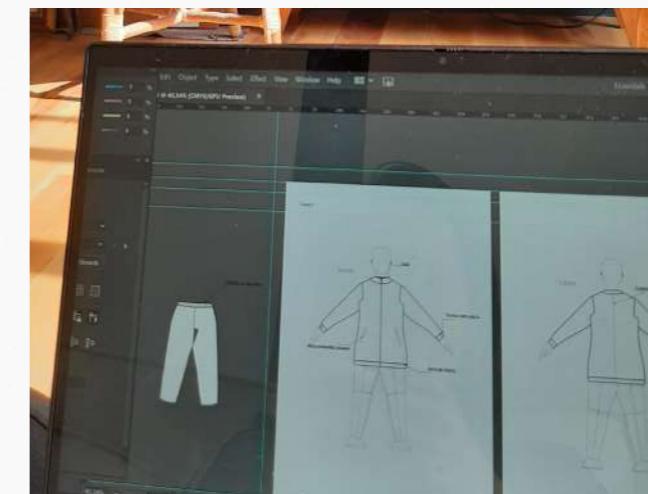
“Ciclos” permitem amplas interpretações, percebidas algumas delas nesta 11ª edição do Octa Fashion em toda a riqueza presente nas subjetividades criativas que aqui se apresentam. Aspectos estéticos, funcionais, socioculturais, históricos e simbólicos são evocados singularmente, inspirados por exemplo nas transformações dinâmicas da natureza, nas inquietações da existência do ser e da condição humana, na passagem e nos desafios do tempo. Escrever sobre este tema maior proposto aos discentes, que desenvolveram suas coleções autorais em plena pandemia, é motivo de grande satisfação, afinal sabemos que foi e ainda é preciso recomeçar, renovar, ressurgir por vezes a partir das despedidas... cada conceito explorado ganhou força entre a roupa e o corpo, mostrou-se virtualmente em cores, tecidos, formas e texturas, representando o resultado de um árduo trabalho de pesquisa e desenvolvimento em Moda, realizado ao longo das últimas fases do Bacharelado em Moda do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Sob orientação dos colegas docentes do curso, surgem propostas que nos convidam a extravasar novas asas a partir da transformação da crisálida, a viver o caos e nele crescer, a apreciar flores belas e coloridas que acompanham a morte, a plantar e cultivar novas e lúdicas florescências, a observar as causas e os efeitos de pequenos atos que geram grandes modificações,

a lidar com mais probabilidades do que certezas, a sentir os impulsos que abrem nossos olhos mesmo na inquietação, na estranheza, nos pesadelos ou no medo do sobrenatural. Ainda, o transbordamento, a fuga, o bizarro, as liberações do subconsciente, o êxtase diante do intrigante, as fantasias sem limites, os enlaces e vínculos das tramas da vida, a solidão, a busca do autocognoscimento, a ilusão da imortalidade, as ficções do gene humano, a celebração das memórias afetivas e seletivas, a ancestralidade que faz desabrochar uma nova percepção de vida, a nostalgia da geração Z, o entrelaçamento do cosmos e do infinito, são todas facetas de nosso espírito do tempo bem traduzidas nas páginas seguintes.

Ciclos leves e contínuos, ou reinventados por desvios necessários e atraçamentos surrendentes, o mais importante é que fazem parte da heterogeneidade das mentes criadoras de nossos discentes, que saem hoje da Universidade bem preparados, primando pela busca contínua da inovação e da crítica poética e construtiva de problemáticas científicas e mercadológicas do campo da Moda. Todos superaram muitos desafios, lapidaram ideias e materializaram suas visões de mundo em um rico processo educacional pleno de trocas, aprendizados e momentos inesquecíveis, do qual eu me orgulho muito de ter feito parte.

A todos vocês desejo muito sucesso!
Profa. Dra. Daniela Novelli



Imagens dos processos criativos dos alunos.

editorial

C I C L O S

As transformações dinâmicas da natureza; as inquietações da existência do ser e da condição humana; os desafios dos tempos: os ciclos nos chamam para viver o caos e nele crescer, a observar as causas e os efeitos de pequenos atos que geram grandes modificações, a lidar com mais probabilidades do que certezas, a sentir os impulsos que abrem nossos olhos mesmo na inquietude, na estranheza, nos pesadelos ou no medo do sobrenatural, e mesmo assim, seguir.



Fotografia: Carolina Bonatelli
Direção de fotografia: Douglas Sielski
Beleza: Carol Barragana
Modelos: Déia Santos e Desiree Fuchs
Styling: Elisa Bordignon e Kamille Costa
Produção: Carolina Bonatelli, Janielly Barbosa e Kamille Costa
Assistência: Giovanna Grigorazzi, Karina da Silva e Larissa Santiago

Vestido: Bruno Ferrera
Brinco: Acervo



Vestido: Bruno Ferrera
Bota e brinco: Acervo



Vestido: Bruno Ferrera
Bota e brinco: Acervo



Vestido: Bruno Ferrera
Brinco: Acervo



Vestido: Bruno Ferrera
Brinco: Acervo





Desiree:
Body: Joyce Rosa
Vestido: Julia Fachin
Blazer: Antonella Possamai
Sapato e Brinco: Acervo



Déia:

Macacão: Bruna Cruz

Brinco e sapato: Acervo

Déia:

Macacão: Bruna Cruz
Brinco e sapato: Acervo



Desiree:

Body: Joyce Rosa
Vestido: Julia Fachin
Blazer: Antonella Possamai
Sapato e Brinco: Acervo



Ciclo 1

28 **Gabriela**
Doyle

AUGÚRIO

30 **Amanda**
Wagner Dias

THE WHITE RABBIT

34 **Elisa**
Bordignon

1X

32 **Kamille**
Costa

ELLA

36 **Joyce**
Avila

ETHERAL

38 **Bruna**
Mores
Marcolin

SHEMITAH

40 **Janielly**
Barbosa

ENCONTRO

46 **Ana**
Raupp

YLANG YLANG

42 **Flávia**
Dummer

FIO

44 **Carol**
Moreira

APHRODISIA

48 **Lara**
Kadri

SOPRO

50 **Ana**
Claudia
Hoffman

FLORA



GABRIELA DOYLE



Raio, incêndio, ruído, sinal de que algo irá acontecer. Tudo aquilo que é pressagiado, pré-anunciado, sentido. Um tipo de mensagem sobrenatural que expõe decisões humanas e pode afetar o futuro. Palavra contrária de presente, do vigente e do agora, consequência de um mundo nada certo. Antes, augúrios celestes: manifestações por meio de relâmpagos, raios e outras perturbações da natureza. Hoje, o aperto no peito, a ansiedade, uma intuição. A tentativa do homem contemporâneo de lançar mão ao sobrenatural.



Instagram pessoal: @gabid Doyle

Instagram da coleção: @agouro.augurio



The White Rabbit



AMANDA WAGNER DIAS

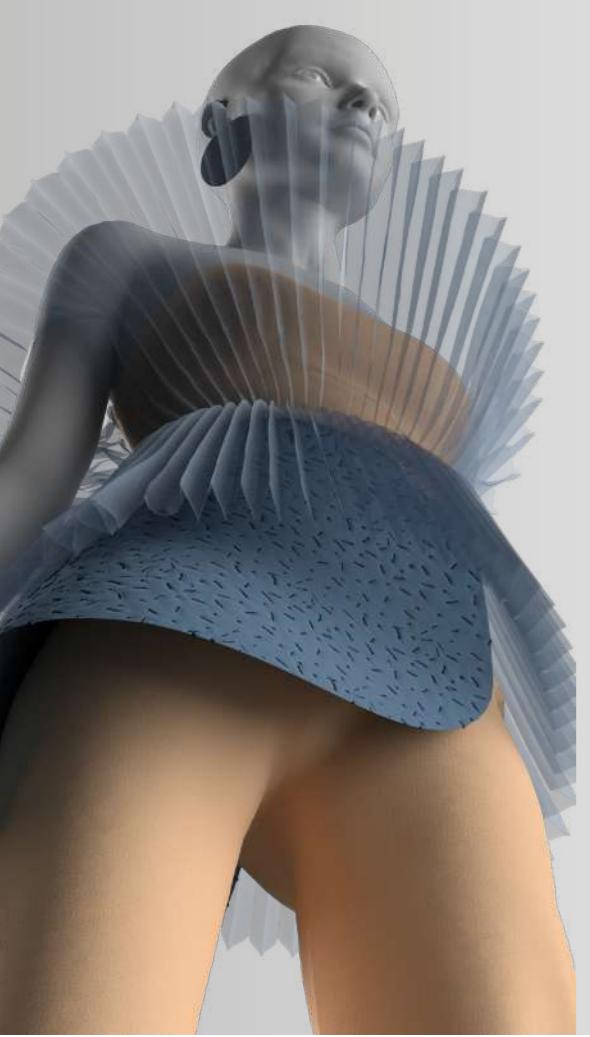
The White Rabbit é uma coleção inspirada na simbologia do coelho branco, personagem de Alice no País das Maravilhas. Sempre olhando seu relógio e constantemente atrasado, o personagem inquieto e angustiado que parece estar sempre procurando por algo funciona como uma metáfora para a busca constante pelo conhecimento ao mesmo tempo em que nos faz lembrar as angústias humanas relacionadas à efemeridade da vida.

Instagram pessoal: @amandawagnerdias

Instagram da coleção: @designbyamanda.png

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/amanda-wagner-dias-30a382183>





KAMILLE COSTA

O que ocupa o espaço existente entre a roupa e o corpo feminino? Quando a forma evolui, um se transforma em continuação do outro. Arte e abrigo ultrapassam a estética e a silhueta perde seu protagonismo. Influenciada pela vanguarda japonesa, a coleção Ella valoriza esse espaço e materializa o “ir além”, para que o corpo não sirva à roupa. Exalta a singularidade e a importância feminina nos movimentos acadêmicos e artísticos, inspirada pelas tecelãs da Bauhaus, através de bordados que representam padrões criados por elas.

Permeando as diferentes possibilidades que forma e volume permitem, as peças têm como essência a mistura de força e feminilidade. O espaço entre corpo e roupa compõe um vazio repleto de opções, coberto pelo contraste entre movimento e rigidez. Modelagens assimétricas e sobreposições representam o corpo além das silhuetas padronizadas. Tecidos estruturados e volumes são complementados por plissados aplicados de forma inusitada, que reforçam o conceito de “ir além”.



Instagram pessoal: @kamillevcosta
Instagram da coleção: @ella.colecao



ELISA BORDIGNON

1x é sobre a morte, ou melhor, como se morre apenas uma vez. Essa frase está em um site que vende os tradicionais arranjos florais japoneses (seikasaidan) e era complementado por "morra bem, pois só se morre uma vez".

A coleção explora os contrastes da vida elucidados pela presença de flores num velório, algo tão colorido e alegre em um evento dolorido.

As formas das peças são arredondadas, simétricas, volumosas, assim como os arranjos. São dramáticos e as cores foram escolhidas a partir das flores tradicionais do seikasaidan. O resultado é uma coleção minimalista, com looks monumentais, curvilíneos, minimalistas e repletos de símbolos.



Instagram pessoal: @elayzaah

Instagram da coleção: @_colecaox





JOYCE AVILA



O tempo é uma grandeza física invisível e presente que mede os passos da humanidade e retrata toda a nossa trajetória de vida. Nós carregamos conosco as marcas e lembranças que o tempo deixa, e essas marcas vão criando um significado especial ao passar dos anos. Transformamos essas memórias seletivas em uma celebração de uma era que atribuímos como os melhores momentos que passamos durante a nossa linha do tempo. Esse saudosismo pode ser irreal, mas nos leva a lugares de felicidade no passado e nos conecta com o nosso eu da juventude. Esta coleção busca mesclar a sensação de nostalgia da geração Z, do lado lúdico e sensorial das memórias felizes que passamos na juventude, criando uma conexão com o presente e materializando a nostalgia através de texturas, formas e cores, representando esses elementos que despertam sentimentos de aconchego e satisfação de enxergar nossa evolução sem perder nossa essência.



Instagram da coleção: @etheralcollection





BRUNA MORES MARCOLIN

Vemos a tranquilidade dos campos, a troca das estações, sentimos o cheiro do balançar das flores, ouvimos o som do quebrar das ondas. Ciclos que começam e terminam, leves e contínuos, que muitas vezes nem percebemos, que passam pelo nosso caos. O caos do viver. O caos do sentir. O caos do duvidar.

A natureza entende os ciclos, ouve o criador e descansa. Ela sabe que suas folhas cairão e no tempo certo virão as cores. O homem opera seu próprio ciclo, até descobrir que também é criação. Afinal, aquele que rege os inícios e os fins, o crescer e o descer, o subir e o diminuir, não é o homem.

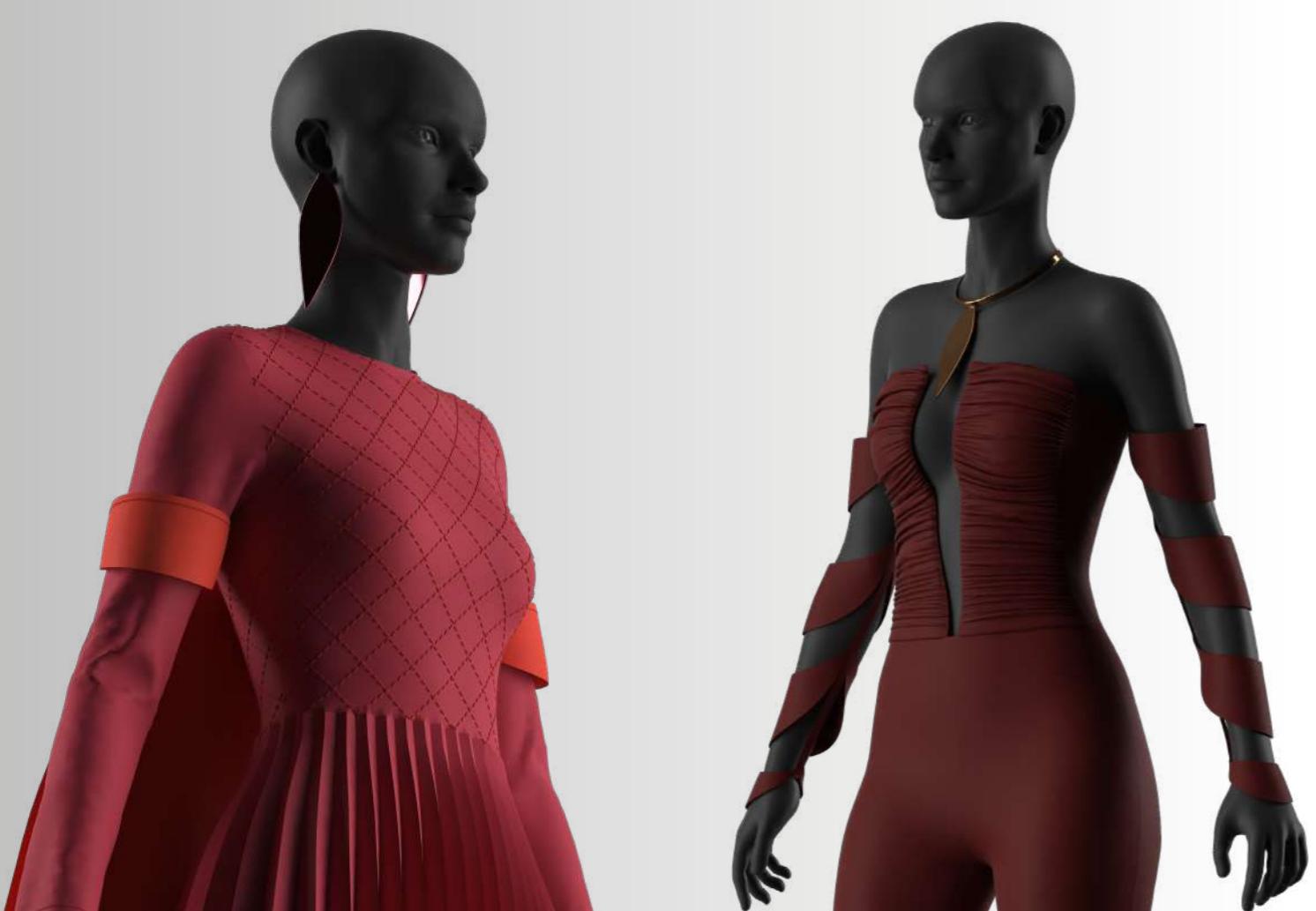
A paz existe mesmo em meio ao caos, é sobre ver o que é preciso, sentir o que traz tranquilidade. É crescer no entendimento dos ciclos e andar conforme o balanço dos campos, das águas e dos ventos. É depender do ritmo da criação e descansar na provisão do criador.



Instagram pessoal: @brunammarcolin

Instagram da coleção: @shemithah.collection

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/bruna-mores-marcolin-825403143/>



JANIELLY BARBOSA

A Coleção Encontro é inspirada nas conexões realizadas ao longo de uma jornada, que se inicia a partir do conhecimento profundo sobre sua ancestralidade, o processo doloroso de fazer as pazes com sua própria história, até alcançar um conhecimento maior sobre si mesmo, tornando toda a bagagem que nos acompanha durante a vida, mais leve.

Ao acolher as contribuições dos nossos antepassados, podemos nos libertar daquilo que faz parte de nós, mas que vem dos outros. Essa compreensão profunda nos permite ter maior controle das nossas escolhas e desabrochar para uma nova vida.

O conceito é materializado nas peças por meio de nós, sobreposições e dobras que abordam de forma tátil o processo de evolução, suas ligações e as marcas que ficam em nós.

Instagram pessoal: @janypcb

Instagram da coleção: @encontro.octa

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/janielly-barbosa/>





FLÁVIA DUMMER



Instagram pessoal: @flaviadummer

Instagram da coleção: @fio_____

Behance: <https://www.behance.net/flaviadummer>

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/fi%C3%A3viadummer/>



Aphrodisia



CAROL MOREIRA

Sensualidade e feminilidade.

Regidas por Afrodite, encoram a energia da sedução, inspiram-se em si mesmas e banham-se de luxúria.

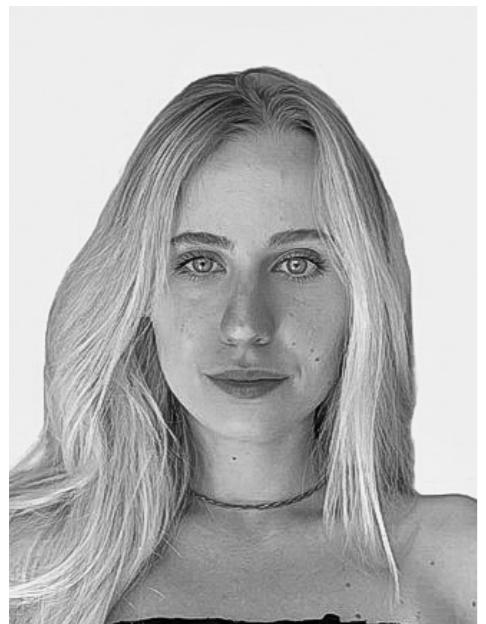
Sedução é um poder libertador, sedução é movimento, é instável. Orbitando a si, uma espiral envolvente e prazerosa.

APHRODISIA é o acolhimento da sedução que há nas mulheres, é uma eterna busca da liberdade de sentir.



Instagram da coleção: @aphrodisia_11





ANA RAUPP

A “flor das flores”
nativa da Indonésia e das Filipinas
Exala o aroma sublime do óleo essencial,
que eleva a energia feminina
e promove equilíbrio físico e mental
Pulsa de forma holística,
intuitiva, implosiva,
se expressa pela emoção e sensibilidade
Coloca a mulher em seu verdadeiro
e merecido altar
Incentiva a encontrar-se
dar-se amor e auto cuidado
O caimento de suas pétalas fluem
como o movimento de um vestido esvoaçante
com a beleza que é somente o reflexo
do amor que se dá a si mesma



Instagram pessoal: @anaraupp

Instagram da coleção: @ylangylangcollection

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/ana-raupp/>





LARA KADRI



Uma viagem distante – dentro de si – é impulsionada pela força de um pedido. De olhos fechados é possível contemplar o fascínio de uma atmosfera mágica. São instantes que lhe enleiam e tornam qualquer fantasia real. Efêmero, intocável e reluzente. O segredo: a sensibilidade de sentir a emoção, devanear e deixar-se levar... Assim, os sopros que marcam a vida podem marcar presença em espaços fascinantes criados por você, pelos seus melhores desejos.

Inspirada na leveza e na liberdade de viver a ludicidade, a coleção Sopro apresenta o equilíbrio do exagero com a delicadeza singular de um desejo que proporciona momentos únicos na imaginação. A criação busca ir além de embelezar. É a proposta para expressar seus sonhos sem limites.

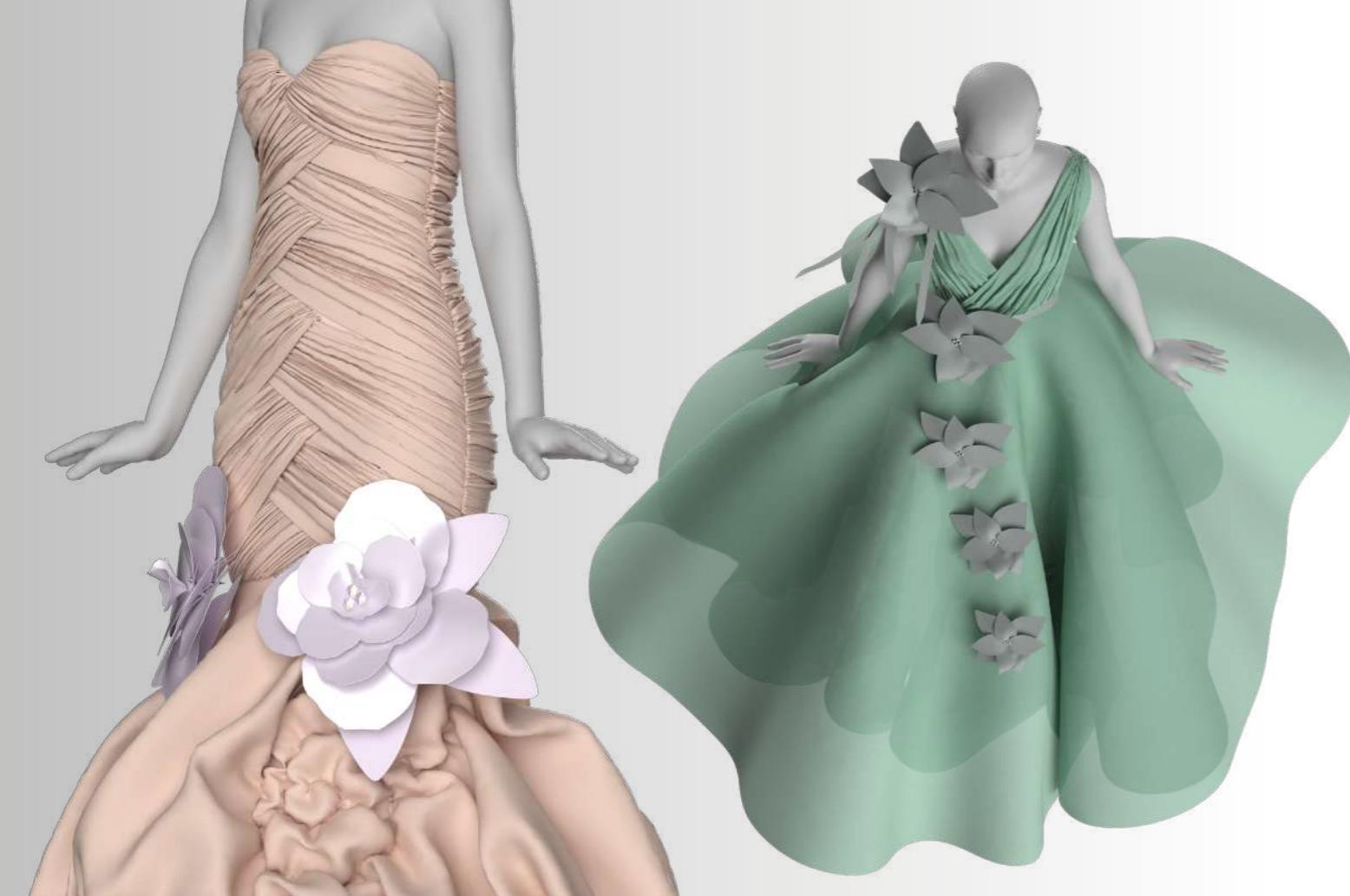


Instagram pessoal: @larakadri_

Instagram da coleção: @sopro.colecao

Behance: <https://www.behance.net/larakadri>



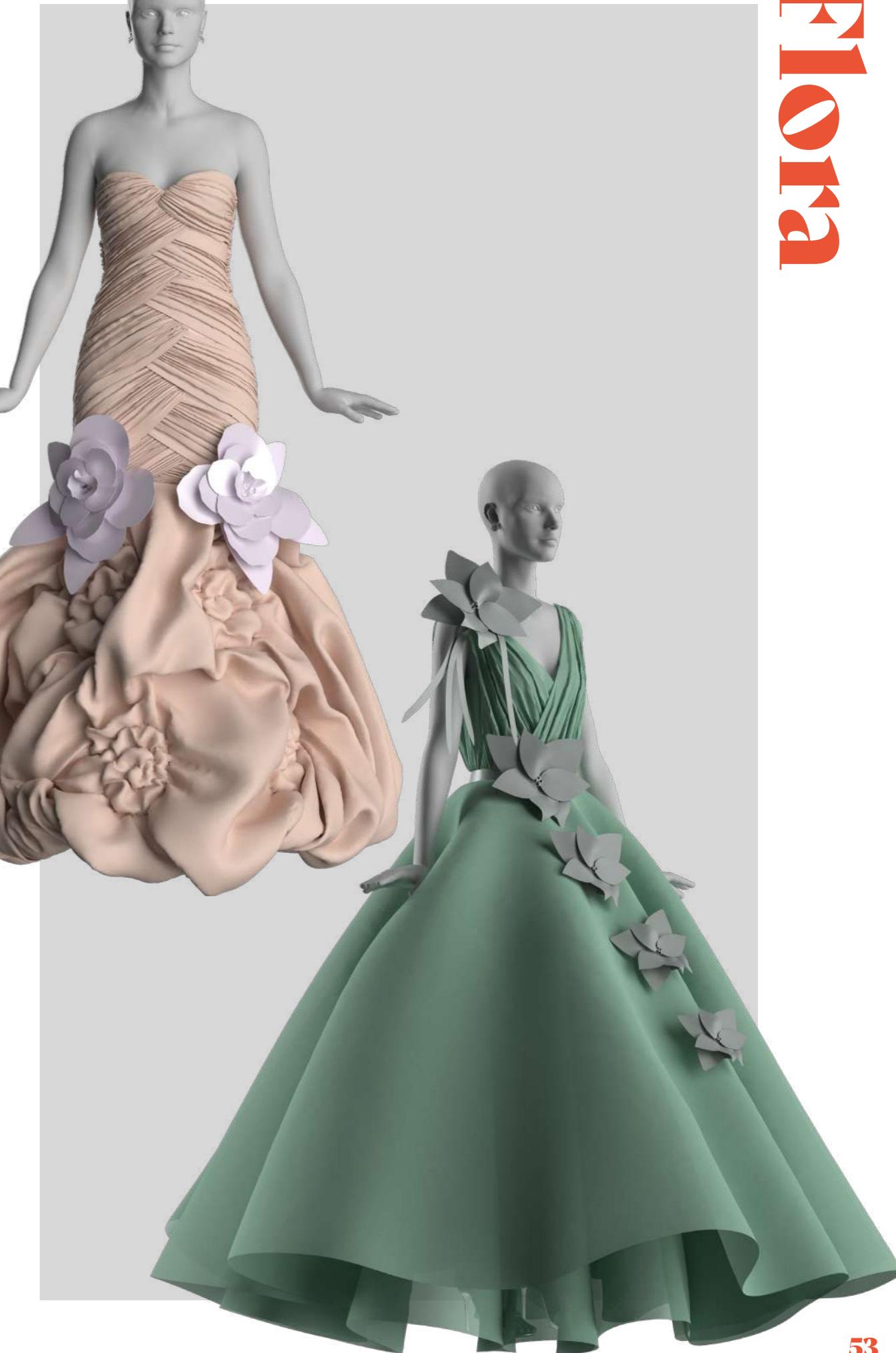


ANA CLAUDIA HOFFMAN

Flora, na mitologia romana, é uma Deusa ninfa das Ilhas Afortunadas. Segundo a mitologia, Flora é a potência da natureza que faz florir as árvores e preside a "tudo que floresce". Florescer é sentir a brisa suave do calor que vem se aproximando, a mulher que busca a coleção Flora deseja sentir a leveza dos tecidos e as cores que irradiam sua feminilidade e sua sensualidade. Vestir-se de Flora é comunicar toda a primavera que está presente em si por meio de vestidos estruturados, brilhos e bordados discretos, sem esquecer das nossas personagens principais: as flores. A coleção usa tecidos leves que liberam e fluem como um botão que floresce. Pétalas, coroas, flores florescem e se espalham por toda parte, aplicações em 3D, formatos circulares e as cores claras remetem às flores, com volumes para imitar o movimento das flores, deixando a rosa florescer em formas extremamente femininas.



Instagram pessoal: @ana.hoffman04
Instagram da coleção: @colecao_flora



Entrevista com Hanayrá Negreiros

POR: JANIELLY BARBOSA E GREG MALAQUIAS

PESQUISADORA, EDUCADORA E CURADORA DE MODA DO MASP, JÁ ATUOU COMO COLUNISTA DA ELLE BRASIL E COMO PROFESSORA NO MASP ESCOLA. MESTRA EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO PELA PUC-SP E GRADUADA EM NEGÓCIOS DA MODA PELA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. TEM COMO PRINCIPAIS FOCOS DE ESTUDO AS ESTÉTICAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS, QUE SE MANIFESTAM ATRAVÉS DA INDUMENTÁRIA, ICONOGRAFIA, MEMÓRIAS E RELIGIOSIDADES NEGRAS.

1. Sua perspectiva como pesquisadora engloba a importância da construção de memórias relacionadas a ancestralidade e a indumentária. Pensando nisso, gostaríamos de saber se seu interesse tanto pela moda como pela área de pesquisa têm alguma relação com sua ancestralidade. Teria alguma memória para compartilhar?

Sim! Eu tenho algumas memórias muito fortes, a minha família, tanto materna quanto paterna, tem relação com a moda, com o vestir. A minha avó materna era costureira, de profissão. Ela faleceu antes de eu nascer e minha mãe guardou objetos dela, dentre eles uma máquina de costura e hoje, refletindo sobre memórias, sobre a composição da casa, eu tenho certeza de que crescer com um objeto de costura, como uma máquina, de alguma maneira, moldou o meu imaginário e as minhas vontades para seguir esse caminho.

Mas a moda, o vestir, a importância das roupas para a nossa construção sempre foi uma coisa muito importante, então sem dúvida, **A MINHA ANCESTRALIDADE É A MINHA ORIGEM.**

2. Pudemos perceber que as memórias são grandes articuladoras no seu processo bem como sua associação às perspectivas negras. Qual a sua opinião sobre a importância das memórias para o passado, presente e futuro dessas perspectivas [negras]?

Estudando cultura negra no Brasil, estudando candomblé, que foi o espaço de pesquisa que me formou no mestrado, eu entendo que quando a gente pensa em perspectivas negras, principalmente, não só, mas as africanas e as afro diáspóricas, como é o nosso caso no Brasil, a memória é fundamental.



1. Hanayrá negreiros no acervo em transformação, em frente aos trabalhos de rubem valentim, composição 12, 1962 (lado direito), e abdias nascimento, okê oxóssi, 1970 (lado esquerdo) crédito: leno taborda, masp

Tudo nosso é baseado na memória e na oralidade. As religiões negras são orais, não possuímos livros sagrados como o judaísmo ou o budismo. É tudo na fala, no gesto, as coisas são aprendidas pelo mais novo através do mais velho. A própria figura da pessoa mais velha na comunidade é muito importante, porque essa pessoa já passou por muitas coisas e tem muito a nos ensinar.

Para as comunidades negras, falando principalmente por uma perspectiva brasileira, a memória é fundamental em tudo que a gente faz. Na nossa cultura, religião, na própria moda. Então é fundamental quando a gente pensa na memória, e mais fundamental ainda é a gente descentralizar o pensamento de uma perspectiva eurocêntrica, porque nessa perspectiva muitas vezes o passado não é valorizado. Também tempos negros são diferentes, eles tem uma outra concepção de tempo. **PASADO, PRESENTE E FUTURO SE CONECTAM, COMO SE FOSSEM TRÊS TEMPOS EM UM TEMPO SÓ.**

Eu gosto muito da pesquisa da professora Leda Maria Martins, da UFMG, ela tem um livro recém lançado chamado "Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela", onde ela fala justamente desse tempo que é em espiral. Ele não é uma linha reta, presente, passado e futuro. Esses tempos estão juntos e eles se misturam, o que tem muito a ver com perspectivas negras e perspectivas dos povos originários, que aqui no Brasil são os donos da terra e são fun-

Hanayrá Negreiros em oficina no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) em 2018. Foto de Daniel Cabrel.

damentais para a integração da população negra.

Se a gente for pensar em Afro futurismo, por exemplo, está muito conectado com o passado. Para a gente, que é afro diáspórico, eu acho que é muito legal pensar a partir desse lugar de tempo.

3. Que apontamentos ainda precisam ser absorvidos/incorporados no contexto da moda culturalmente e que consequentemente impactam sua estrutura pedagógicamente?

MÃES, TIAS, AVÓS, AS PESSOAS QUE COMPRAM AS NOS- SAS PRIMEIRAS ROUPAS E QUE NOS ENSINAM A NOS VESTIR. Para mim, moda

também é isso e eu trabalho a partir desse radar, e os cursos [de graduação] precisam se atentar a partir desse lugar diferencial pensando na cultura e no Brasil que é um país de escala continental e multicultural, a gente precisa dar conta das outras culturas que aqui estão.

4. Como foi a experiência de escrever na coluna vinculada à revista de moda Elle Brasil, a "Negras Maneiras"?

Foi chique, uma das coisas mais chiques que eu já fiz. Desde antes de entrar na faculdade, eu tinha o sonho de trabalhar em uma revista porque eu era apaixonada por "O Diabo Veste Prada", o filme e o livro. Foi uma experiência muito legal porque eu pude trazer os assuntos que eu sempre quis ler numa revista para





a minha coluna e as “Negras Maneiras” fala justamente disso.

Tem uma relação de vestir, de trajar, que é uma outra pesquisa minha, mas ela fala sobre tudo. Porque moda engloba tudo, como a gente pensou em cultura aqui. Era uma coluna que falava muito sobre memória e futuros possíveis, futuros do que a gente imagina, até no contexto pandêmico. Essa ideia de futuro entrou muito numa perspectiva da pandemia.

Realmente acho que a ELLE é uma revista de moda diferenciada. Ela tem um corpo de profissionais negros que tem mais do que em outras revistas. A gente tem a Suiane, a Bárbara, a Isis, eu tava lá, teve a Djamilha, a Joyce, enfim, várias mulheres negras. A minha experiência foi muito boa, sempre pude escrever sobre tudo, nunca tive nenhum tipo de restrição. **EU ERA RESPONSÁVEL POR ESCRIVER SOBRE MODA E ANCESTRALIDADE E GOSTEI MUITO TAMBÉM QUE MINHA COLUNA ERA DIGITAL, ISSO PROPORCIONOU QUE MUITAS PESSOAS PUDESSEM LER MINHA COLUNA. PESSOAS DO MUNDO TODO, PESSOAS QUE TALVEZ NÃO TERIAM ACESSO PARA COMPRAR UMA REVISTA.**

5. Você atua desde 2021 como curadora-adjunta de moda do MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand). Como tem sido essa trajetória, considerando o convite e o trabalho exercido até agora?

Trabalhar no MASP é muito bacana, trabalho lá desde 2018, entrei como professora do MASP Escola e de oficinas. O MASP é um museu que tem passado por uma transformação, é um processo de descolonização da

ideia de museu, de acervo e dos temas que estão ali. Então, acredito que a minha chegada no MASP também se configura nesse espaço de mudança. Mas a curadoria de moda, ela se dá no Brasil num lugar ainda de desenvolvimento, existem poucas pessoas que trabalham como curadores de moda e curadoras de moda no museu.

Existem poucos museus que têm um acervo tão grande como o MASP ou que se dedicam a esse assunto especificamente. Como é um campo de informação, a gente tem essa possibilidade de ir trazendo apontamentos e perspectivas e por mais que o MASP não seja um museu de moda, ele é um museu de arte que tem um acervo de moda muito robusto, que entende a moda de certa maneira também como uma linguagem artística e eu acho isso fundamental, ainda porque existe toda uma discussão de “se moda é arte”.

Quando a gente pensa em moda como cultura, uma moda que é feita à mão muitas das vezes, eu acho que a gente pode entender, sim, **O TRABALHO DE UM ALFAIADE, DE UMA MODELISTA, DE UMA COSTUREIRA COMO DE UM ARTISTA TAMBÉM**. E da própria designer que vai criar a concepção da roupa.

É um projeto que junta artistas visuais e plásticos, pessoas que pintam e performam com estilistas de moda, são duas linguagens artísticas diferentes que, unidas, são pensadas para criar roupas que vão entrar para o acervo do museu. Eu acho que isso é muito bacana para expandir essa possibilidade de pensar uma peça de roupa dentro de um espaço museológico.

6. Quais você considera que são os desafios relacionados ao desempenho de profissionais/estudantes que se

interessam pela área [curadoria de moda]? Acredita existir um perfil recomendado para a função?

Acho que os desafios são justamente pensar como é que a gente pode trazer essas outras narrativas. O espaço da curadoria é um espaço de poder, é um espaço que a gente decide quem entra, quem sai, quem está e quem não está na exposição. Ampliar essa discussão é um desafio para profissionais que se interessam pela área.

Eu achei muito legal o trabalho de vocês, do OCTA Fashion, pensado no Museu da Escola de Santa Catarina. Porque aí a gente percebe uma integração entre uma graduação, uma universidade de moda e um espaço museológico. Eu sempre acho que o caminho é a educação.

Ter uma exposição dessas peças criadas, olha que interessante! Imaginem as pessoas que vão visitar esse espaço, vendo não só o trabalho de vocês, mas quais foram as narrativas que originaram esses trabalhos. **EU ACHO QUE A ROUPA ALI NO MUSEU, ELA SERVE COMO UM DISPOSITIVO DE EDUCAÇÃO, DE AMPLIAÇÃO DA EDUCAÇÃO, DE AMPLIAÇÃO DOS ESTUDOS, DE AMPLIAÇÃO DAS NARRATIVAS.**

Não existem cursos, ainda, aqui no Brasil direcionados para isso. Aqui em São Paulo tem curso de curadoria, mas com foco nas artes visuais, tem teoria e história da arte, curadoria de moda não tem. Mas tem na Inglaterra, por exemplo, na UAL (Universidade de Artes de Londres), aquela faculdade de artes de Londres, uma das mais legais de artes do mundo.

7. Como comentando, o OCTA Fashion 11, será realizado pela primeira vez em

formato de exposição, no Museu da Escola de Santa Catarina (MESC). Como curadora da área, o que pensa da relevância deste modelo de evento como plataforma de inserção para as estudantes?

É uma oportunidade muito bacana, inclusive, de afirmar a possibilidade de atuação e de criação de um evento assim. Hoje em dia a gente tem a possibilidade de fazer as coisas em 3D e até exposições virtuais, expandidas no campo da internet, que são super interessantes.

Mas, sobretudo, eu acho que a importância é de difundir esse assunto, de que as pessoas possam visitar, possam querer saber mais sobre o tema, e também de marcar uma posição da universidade, no espaço do museu, que isso possa servir para abrir caminhos para que vocês possam fazer mais, dentro dessa interlocução de graduação, universidade, museu, que esse espaço esteja aberto para que outras discussões, e não só exposições, mas outras atividades possam ocorrer. Eu acho muito legal isso ser feito no lugar de estudo mesmo, porque a gente reforça a pesquisa e consegue estabelecer pontes entre os dois mundos.

Fora que são oportunidades de trabalho, de expansão, de fazer contato, networking. Esse trabalho vai ser muito legal, e estar na revista também para mim é muito bacana, de novo, agradeço. Eu acho que é muito importante as histórias, as narrativas da revista e também as do museu, do trabalho, da universidade. Percebiam que são pelo menos três plataformas diferentes, a universidade, o museu e a revista, são mídias diferentes, mas que tem uma relação, o que é fundamental.



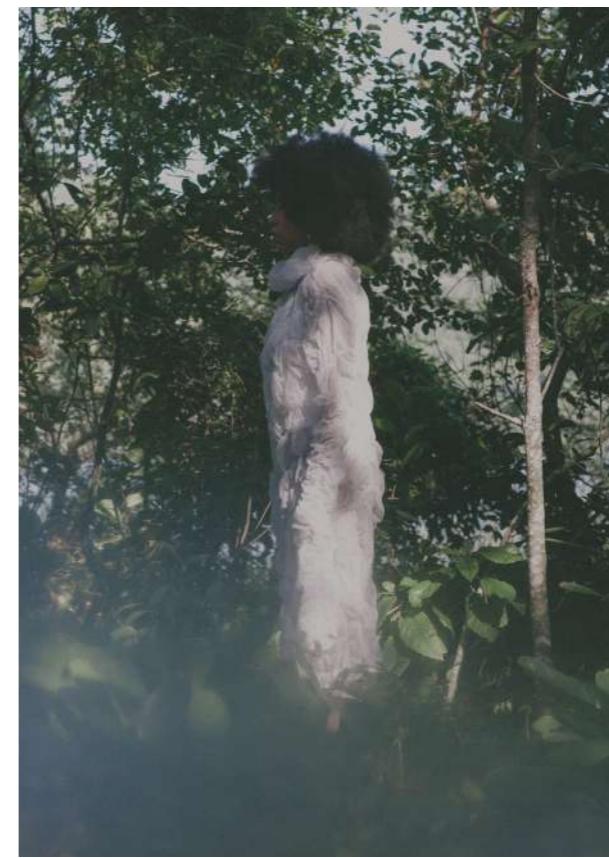
Fotografia: Flávia Dümmer
Beleza: Marina Costa
Modelos: Júlia Junqueira e Juliana Tavares
Styling: Elisa Bordignon e Carla Pietra
Produção: Carla Pietra, Janielly Barbosa e Kamille Costa
Assistência: Karina da Silva
Looks: Acervo Ateliê de Moda - Udesc

Ancestralidade

É um fio de linha, é uma linha de memória, é a memória eterna, é a eterna existência, é a existência expandida.

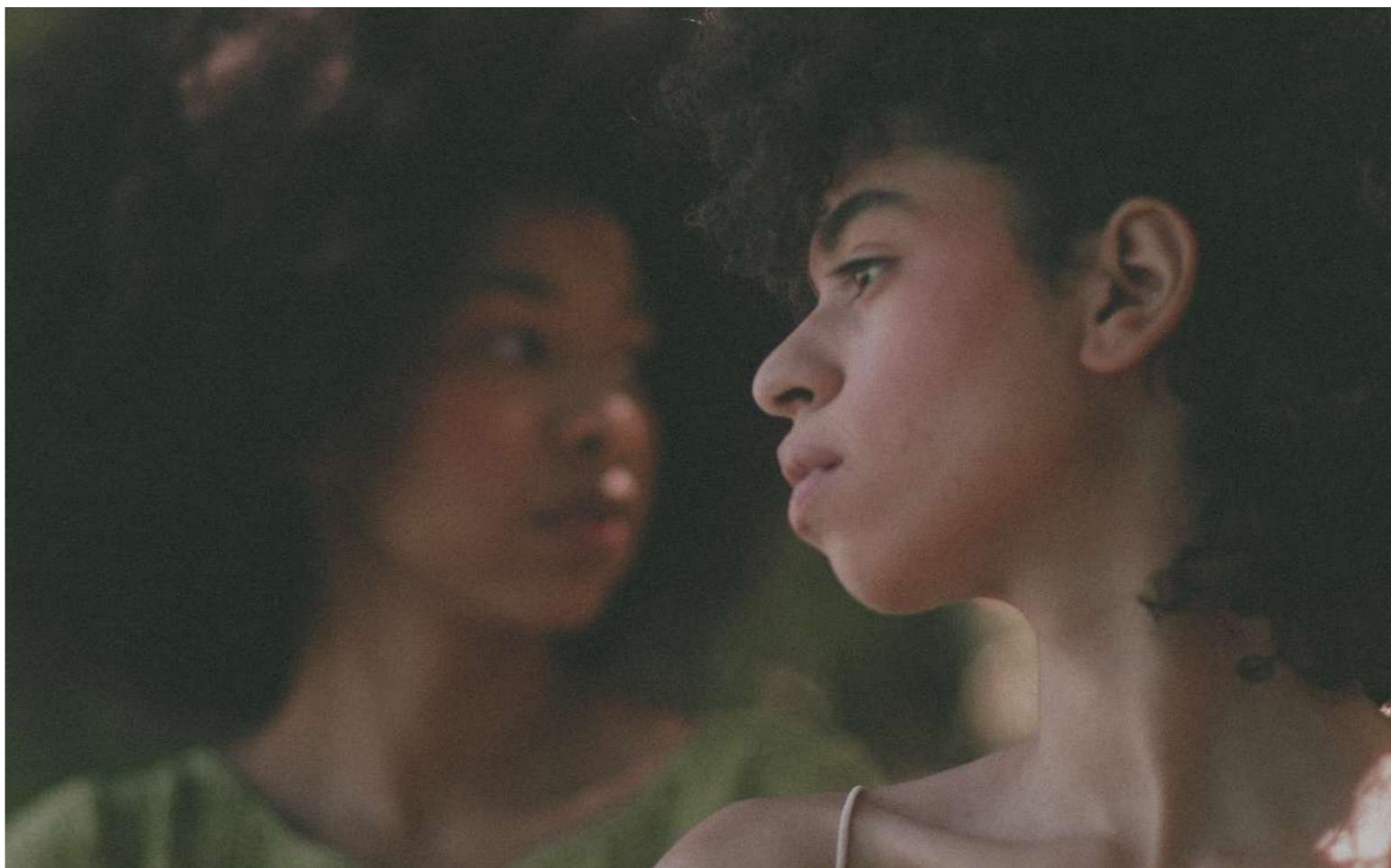
É se realizar por muitos, é a forma mais pura de comunidade, é a manutenção da integridade do tempo, que não se compõe apenas no agora, no tempo de muitas vidas.

Ancestralidade é um fio que nos leva para trás e nos acompanha no caminho à frente.









O Museu da Escola Catarinense e seus formatos para exposições e eventos

POR: PROF^a DR^a SANDRA MACKOWIECK

O Museu da Escola Catarinense é um órgão suplementar superior vinculado à Reitoria da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Inicialmente, o edifício abrigou a Escola Normal Catharinense em 1926, localizando-se em local privilegiado, no alto de uma colina, e marcado por estilo neoclássico. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio iluminado por clarabóia (Figura 2), apresentando um desenho muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. O átrio é muito utilizado para eventos e exposições. A edificação tem alto valor para a paisagem urbana, pois está inserida no coração de seu centro histórico e rodeada por várias construções que datam da colonização; por conta disso, foi tombada através do Decreto Municipal nº 521/89 e classificada como P1 (imóveis que, pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados, tanto o interior como o exterior, não podendo ser demolidos nem modificados).

O Museu da Escola Catarinense foi criado em 1992, passando a ocupar a atual sede a partir de 2007. Sua criação teve por objetivo principal a

consolidação da instituição como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação. O museu se restringe à educação escolar, o que delimita com clareza seu objetivo e estabelece similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro do gênero no Brasil. Há de se observar que o museu foi desenvolvido a partir do projeto de pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense” e do projeto de extensão “Museu da Escola Catarinense”, ambos concebidos e coordenados pela professora Maria da Graça Vandresen, idealizadora do museu, quando foram realizadas as primeiras atividades de localização, registro e coleta de acervo (SILVA; EGGERT-STEINDEL, 2012).

Convém destacar que o museu permaneceu fechado por um período em função da necessidade de recuperação de suas condições físicas e de acervo; no entanto, durante o ano de 2013 o edifício recebeu uma série de melhorias em sua estrutura físi-



Átrio do Museu da Escola Catarinense. Fonte: MESC, 2019.

ca para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova. Este foi um projeto de parceria público-privada entre a universidade e o Grupo RBS, em que se buscou a valorização da rota cultural no centro da capital. Assim, houve a preservação do patrimônio histórico a partir da colaboração de expositores e de empresas parceiras. Após a recuperação das instalações físicas, a coordenadora do Museu da Escola Catarinense (MESC) realizou um trabalho intenso de análise e estudo, tanto do acervo quanto do espaço do edifício, para o estabelecimento da nova configuração do museu. Com base neste estudo foi definido,

ainda em 2013, um plano museológico para o MESC (MAKOWIECKY, 2015).

O Plano Museológico do MESC 2014-2019 foi elaborado pela museóloga Elisa Guimarães e o novo Plano Museológico 2020-2025, pela museóloga Anna Julia Borges Serafim, com a colaboração de Fernanda do Canto, de Raisa Ramoni Rosa e da equipe do Museu. Nele estão destacados os objetivos, valores e a missão institucional, como reproduzida a seguir:

prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio sobre

a educação escolar em Santa Catarina de uma forma ampla, contribuindo à pesquisa, divulgação científica e preservação do acervo, bem como integrar o Museu a um roteiro de espaços e atividades culturais, cooperando à revitalização da área central da cidade (PLANO... [s.d], p. 14).

Entre os valores do MESC, para além dos esperados em um museu dessa natureza, destacam-se outros que firmam uma marca: “Integração: Tornar o Museu interligado a um roteiro de espaços e atividades culturais, contribuindo à revitalização da área central da cidade”



Imagem da Exposição Nephele-Fragile, 2019, de Cristina Almeida. Fonte: MESC, 2019.



Figura 3.2. Imagem da Sala Mutações, Exposição Metamorfoses do tempo: Matéria, Resíduo, Ferugem, 2019, de Marivone Dias e Cristina Almeida. Fonte: MESC, 2019.

e “Economia Criativa: estar ligado a atividades que fortaleçam a economia criativa, em que a criatividade e o capital intelectual são a matéria-prima à criação, produção e distribuição de bens e serviços” (PLANO... [s.d.], p. 15)¹. Sua ligação também se dá através de projetos de extensão com a comunidade, nos quais há o incentivo e a colaboração à construção de espaços que propiciem o desenvolvimento da inovação, ajudando a consolidar a vocação criativa do estado de Santa Catarina e criando automaticamente uma rede de parceiros. Todas essas atividades também mantêm o museu vivo, destacando - se o espaço expositivo chamado de sala Mutações.

O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possuindo inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e adesão ao Sistema Estadual de Museus. O museu é contemplado, também, por um centro cultural que abriga exposições de artes visuais e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais e eventos culturais de forma ampla, sobretudo de capacitação (figuras 3 e 4). Nos anos de 2017 e 2019, o MESC foi a sede da Bienal Internacional de Curitiba – Polo SC que, no ano de 2019 foi realizada em 16 cidades da América do Sul e contou com a participação da Udesc/MESC, integrando Santa Catarina à rota internacional de arte contemporânea (MAKOWIECKY; GOUDARD; CRISPE, 2019). Ainda no ano de 2019, a Bienal, sob a coordenação geral da coordenadora do MESC, foi expandida de forma intensa. As atividades foram distribuídas em oito espaços expositivos na cidade de Florianópolis e, na avaliação geral da área, foi o mais importante trabalho de mobilização artística já acontecido em Santa Catarina.

O MESC é também um museu bem integrado aos novos tempos e preocupa-se com a acessibilidade. O museu dispõe de um ambiente virtual² que apresenta informações completas sobre sua sede, suas especificidades, seus objetivos e suas atividades. Neste ambiente virtual, o visitante pode ter

¹ Plano Museológico do MESC. 2020-2025. Disponível em: <http://www1.udesc.br/?id=2318>. Acesso em: 5 jan. 2021

acesso a informações como eventos, histórico, descrição e imagem das salas das exposições permanentes, acervo documental, fotográfico, descrição das salas-destaque, projetos de educação escolar, plano museológico, pesquisas e textos sobre educação escolar, documentos do museu, entre outros, o que acaba por facilitar a busca de informações pela própria equipe do museu.

A partir de março de 2020, passou a contar com cinco totens interativos (Figura 5), terminais sensíveis ao toque, para mostrar conteúdos sobre o local e as exposições em cartaz. É o primeiro museu público em Santa Catarina e o primeiro museu da escola do Brasil a utilizar esse tipo de tecnologia. Outro recurso disponível é o MESC Áudio Guia², recurso que fala da estrutura do museu, com versões em português, inglês e espanhol, e apresenta um completo tour virtual³ e um link “Business”⁴. Além disso, dispõe de conteúdo na Língua Brasileira de Sinais, permitindo maior acessibilidade ao seu público.

O plano museológico do MESC 2020-2025, recém elaborado, reforça, em sua visão, a intenção de ser uma instituição de referência no gênero de museu escolar do país.

O MESC também apresenta conteúdo em plataformas de acesso ao público como Facebook e Instagram, algo que a maioria dos museus estudados não possui. Com essas iniciativas, o MESC se constitui como espaço de excelência em inovação, cultura,

² MESC TOUR – áudio guia. Disponível em: <https://tourvirtual360.com.br/mesc/audioguia/>. Acesso em: 10 mai. 2020

³ MESC TOUR VIRTUAL (salas, jogos, acervo, estrutura física), em inglês, espanhol, português e Libras. Disponível em: <http://mesc.tourvirtual360.com.br>. Acesso em: 10 mai. 2020.

⁴ BUSINESS “MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE – MESC – Udesc” Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/MESC/@-27.5979595,-48.5507345,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x0:0xc05870e5e-c052bc18m2l3d-27.5979595!4d-48.5485458>. Acesso em: 10 mai. 2020.



educação e arte no centro histórico de Florianópolis, recebendo visitas guiadas sob agendamento e visitantes dos mais variados locais com o intuito de despertar nas pessoas a ressignificação da memória escolar e da preservação de nossa cultura educacional.

REFERÊNCIAS

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, Francine; CRISPE, Juliana. Quando a arte não tem fronteiras. Arte & Crítica, ano XVII, n. 51, set. 2019. Disponível em: <http://abca.art.br/httpdocs/quando-a-arte-nao-tem-fronteiras-sandra-makowiecky-juliana-crispe-e-francine-goudard/>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MAKOWIECKY, Sandra. Museu da Escola Catarinense em sobrevivências possíveis. In: 24. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – anapap- compartilhamentos na arte: redes e conexões. Anais... Santa Maria: UFSM, 2015. v. 1. p. 1944-1962.

MAKOWIECKY, Sandra; GOUDARD, B. Museu da Escola Catarinense: patrimônio escolar em acervos, experiências e reflexões. REVISTA CPC (USP), v.15, p. 209-246, 2020.

PLANO museológico do MESC 2020-2025. [s.d.] Disponível em: <http://www1.udesc.br/?id=2318>. Acesso em: 5 jan. 2021.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; EGGERT- STEINDEL, Gisele. Museu da Escola Catarinense de Santa Catarina – Brasil: uma biografia. Revista Pedagógica, Chapecó, ano 16, n. 29, v.2, p. 381-420, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1457>. Acesso em: 4 dez. 2018.

Ciclo 2

72 Beatriz
Esteves Bastos

ÉSSEPE

74 Akina
Daniela Baba

/MICH/

76 Júlia
Panceri

CRISÁLIDA

78 Maria
Linhares

AUTOGNOSE

80 Vitória
Bobsin

TRÂNSITOS

82 Bárbara
Boppré

R.E.M

82 Nanda
Müller

PARA MEU EU DO
FUTURO

86 Isadora
Celeste Tomasi

LEME

88 Gabriel
Bohn

PERSONA-
LIQUIDIFICADOR

90 Greg
Malaquias

DESVIADA

92 Jaqueline
Rocha

GENOTÓXICO
INSÍDIA

94 Nati
Régis

SOLITUDE

96 Lia
Kuodrek

ONICOFAGIA



BEATRIZ ESTEVES BASTOS

São Paulo, a mais doce cidade. A ganância vibra, a vaidade excita, entre grafites e bares os paulistas sabem viver. O azul no negrume ar poluído, a pureza cristalina no marrom das águas. A sociedade nos despreza, mas a cidade não. Há um calor humano, tem uma certa bagunça também, mas mesmo ela, quando não é demais, parece-nos simpática. É amar São Paulo com todo ódio.

Instagram pessoal: @biabastos_
Instagram da coleção: @essepecollection





AKINA DANIELA BABA

Aonde você vai? Onde quer chegar?

Não há linha a cruzar, visto que essa trajetória que chamamos de vida é inunda de aventuras imprevisíveis. Se é durante esse percurso em que ocorrem as descobertas: deceções e aprendizados, conquistas e quedas; esse é o viver propriamente dito.

As paisagens que percorremos se tornam momentos e os caminhos que escolhemos já são conquistas e viveres.

“Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.” -Thich Nhat Hanh

A coleção /Michi/ é para apreciadores de uma vida equilibrada e livre de segregações, que optam por um consumo consciente, valorizando produtos confortáveis e funcionais.



Instagram pessoal: @akinatink
Instagram da coleção: @collection.michi





JÚLIA PANCFERI

Sabemos que, do dia do primeiro respiro até a última vez que sentiremos o mar, o relógio conta o tempo de forma regressiva. Assim como tudo que acontece entre estes dois extremos é chamado vida, a Crisálida é o entremeio onde a pupa permanece em desenvolvimento antes da grande metamorfose lancinante. Porque toda energia é somente emprestada e toda criatura há de voltar ao pó, já que nesse mundo, nada se perde, tudo se transforma. Afinal, é preciso que nos atentemos ao presente a fim de construir um caminho melhor, cíclico como a própria vida e sujeito às transformações de processo do próprio planeta onde tudo há de achar seu próprio fim.



Instagram pessoal: @jubspan
 Instagram da coleção: @crisalida.world
<https://www.behance.net/Jubspan>





MARIA LINHARES

Somos construídos a partir de várias camadas do Eu, que encontramos através das experiências vividas para nos tornar quem somos. Nossa mente é um universo ilimitado em que cada célula tem a sua função para que haja a nossa existência, trabalhando em harmonia para que todo o sistema mantenha suas atividades habituais em equilíbrio. Esta coleção permeia a simbologia da construção do eu, do nosso equilíbrio interno e da constante renovação interior necessária para que a mente e corpo entre em sincronia e estabeleça uma energia que transceda os limites do nosso universo corporal.

A coleção Autognose desenvolve o caminho em busca do autoconhecimento. Nela, se destaca as sobreposições que representam as muitas camadas existentes dentro do ser. Os tecidos pesados remetem aos momentos difíceis que passamos para nos conhecer verdadeiramente. A coleção inicia pelo vermelho representando o conflito que passamos para nos conhecer melhor, transita entre cores neutras até chegar no azul, símbolo do equilíbrio.



Instagram pessoal: @_mariahlinhares

Instagram da coleção: @coleção.autognose

<https://www.linkedin.com/in/marialinhares>





VITÓRIA BOBSIN

SOU RIO

Existia de forma única naquele momento enquanto a corrente não passava para levar essa embora.

Um rio nunca é o mesmo de ontem porque tudo se dissolve, dizia.

Tudo passa para que se possa continuar.

Um rio é tudo aquilo que não se pode controlar, mas que com o tempo atravessa-se e se renova.

Sou rio é sobre adaptabilidade, o poder do tempo e as ondulações de se existir sabendo tudo que a gente sabe sobre existir, mas sem saber nada sobre o que vamos passar daqui a pouco.



Instagram da coleção: @transitos.col





BÁRBARA BOPPRÉ

Dia corrido. Deitei. Dormi. Descansei? Não sei. Acordei. Eu acho que acordei. Cores vibrantes. Do nada, tudo em preto e branco. Que estranho, aquele sapato tá olhando pra mim. E aquele ali, é o Harry Styles? Por que ele tá falando em português? Este lugar não me é estranho. Já estive aqui antes. Que estranho. Estranho? Entendi, isso é um sonho. Estou sonhando. Consigo controlar as coisas. Problemas do trabalho até por aqui? Sério? Quero voltar pro outro cenário. O que é aquilo me observando? Tô ficando com medo. Meu sonho virou um pesadelo? Acho que a água tá subindo rápido demais. Não consigo me mexer. Tá na hora de acordar. Noite corrida.



Instagram pessoal: @barbaraboppre
Instagram da coleção: @rem.octa





NANDA MÜLLER

Do plantio ao cultivo, obtemos a gênese do futuro. De tempos em tempos na vida vivenciamos gênesis para tornar-se quem somos, onde suprimimos partes do nosso ser para dar lugar a novas florescências. Dentro de um conjunto de reflexões internas e influências externas, às gênese de nós mesmos morrem e nascem num ciclo infinito.



Instagram pessoal: @_nandayo_

Instagram da coleção: @para.meu.eu.do.futuro

Behance: <https://www.behance.net/nanda-muller>





ISADORA CELESTE TOMASI

Nascemos como um grão de areia em meio a imensidão da praia, somos seres únicos. Durante a infância desabrochamos para conhecer a vida, é neste momento que possuímos maior contato com as nossas raízes e origens. Apesar da individualidade inerente ao ser, nós todos fazemos parte da mesma imensidão.

Somos como barco a velejar no mar, em busca do seu norte, traçando o nosso próprio caminho em meio a amplitude do mundo, nos conectando ao planeta terra. São justamente nestes balanços da vida que nos entrelaçamos com trajetos alheios e mudamos as direções, no entanto, sem perdermos a nossa essência.



Instagram pessoal: @isadoractomasi
Instagram da coleção: @leme_collection





GABRIEL BOHN

Persona. na teoria de C.G. Jung, personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira.

Liquidificador. que liquidifica; liquidificante.
Persona-liquidificador é sobre o ser constituído de um mosaico identitário que nasce da libertação da culpa da contradição. Algo que Freud já apontava como regra do subconsciente e agora começa a ser aceito no estágio final da Web 2. Todavia, ele ainda teme a finitude e usa de expressão como via para ilusão da imortalidade.



Instagram pessoal: @gabrielb.ohn
Instagram da coleção: @persona_liquidificador
<https://www.behance.net/gabrielboh893b>





GREG MALAQUIAS

Enquanto me desloco nas ruas, as identidades que me compõem também se movimentam; sem parar.

Hoje assumo uma camada densa como uma carapaça, como uma armadura e me oculto ao mesmo tempo em que me dissolvo em fusão e me espelho;

E amanhã? Amanhã eu não sei! Mas enquanto me descrevo e escrevo, também invento ciclos, dos quais em eterno deslocamento inicio e reinicio.

Construo-me e destruo minhas estruturas; crio fissuras, curvaturas como vias que via nas ruas e suas encruzadas. Com essa bagagem identitária atravessada, tal movimentação manifestou um corpo deslocado! Por recortes sinuosos e jogos de camadas, peças robustas, por vezes alongadas, barras dobradas e até fendas costuradas.

Com a força das bichas que transbordam por fissuras de estruturas suturadas, assim lhes apresento a coleção DESVIADA.



Instagram pessoal: @gregqueer

Instagram da coleção: @desviadaporgreg

<http://lattes.cnpq.br/4979704928756764>





JAQUELINE ROCHA



Genotóxico Insídia simboliza a antiutopia de uma sociedade que se vê conturbada por modificações no gene humano. Ao passarmos pela atmosfera da coleção, adentramos em uma história que envolve humanos que se veem perdidos, sem compreender a princípio a debilidade crescente que sobreveio. A cortar desse momento, se descobre accidentalmente que os agrotóxicos utilizados na maior parte das plantações do Brasil estão agindo de maneira contrária ao indicado, influenciando, assim, as mutações notadas pela civilização.

Ao se utilizar dessa ficção que permeia assustadoramente a realidade, a designer Jaqueline Rocha se apropria de estampas tie dye em jeans reutilizados para criar a alusão de peças manchadas pelo pesticida. Além disso, traz também tecidos em nylon, sarja e tactel acolchoados remetendo ao esqueleto voluptuoso dos insetos. Por fim, o que se vê na coleção são corpos que, em sua maioria, estão cobertos, evitando a visualidade de peles manchadas pela exposição aos venenos.



Instagram pessoal: @ _jaquelinerocha_
 Instagram da coleção: @ genotoxico.insidia
 Behance: https://www.behance.net/_jaquelinerocha/





NATI RÉGIS

Pautada pelos estranhamentos, a Solitude pode ser encarada como um exercício solitário, moroso e silencioso para que seja possível achar a resposta para a pergunta “qual é o meu lugar no mundo?”. Nesse sentido, ela é um meio que transporta o sujeito rumo a uma busca eterna pelo seu autoconhecimento, um processo que gera melancolia, desperta medos e questionamentos que podem resultar em um caos interno incessante e em pensamentos emaranhados. Ela é guia em um caminho tortuoso.

A Solitude é uma passagem só de ida para uma jornada e que tem como destino o encontro de si mesmo.

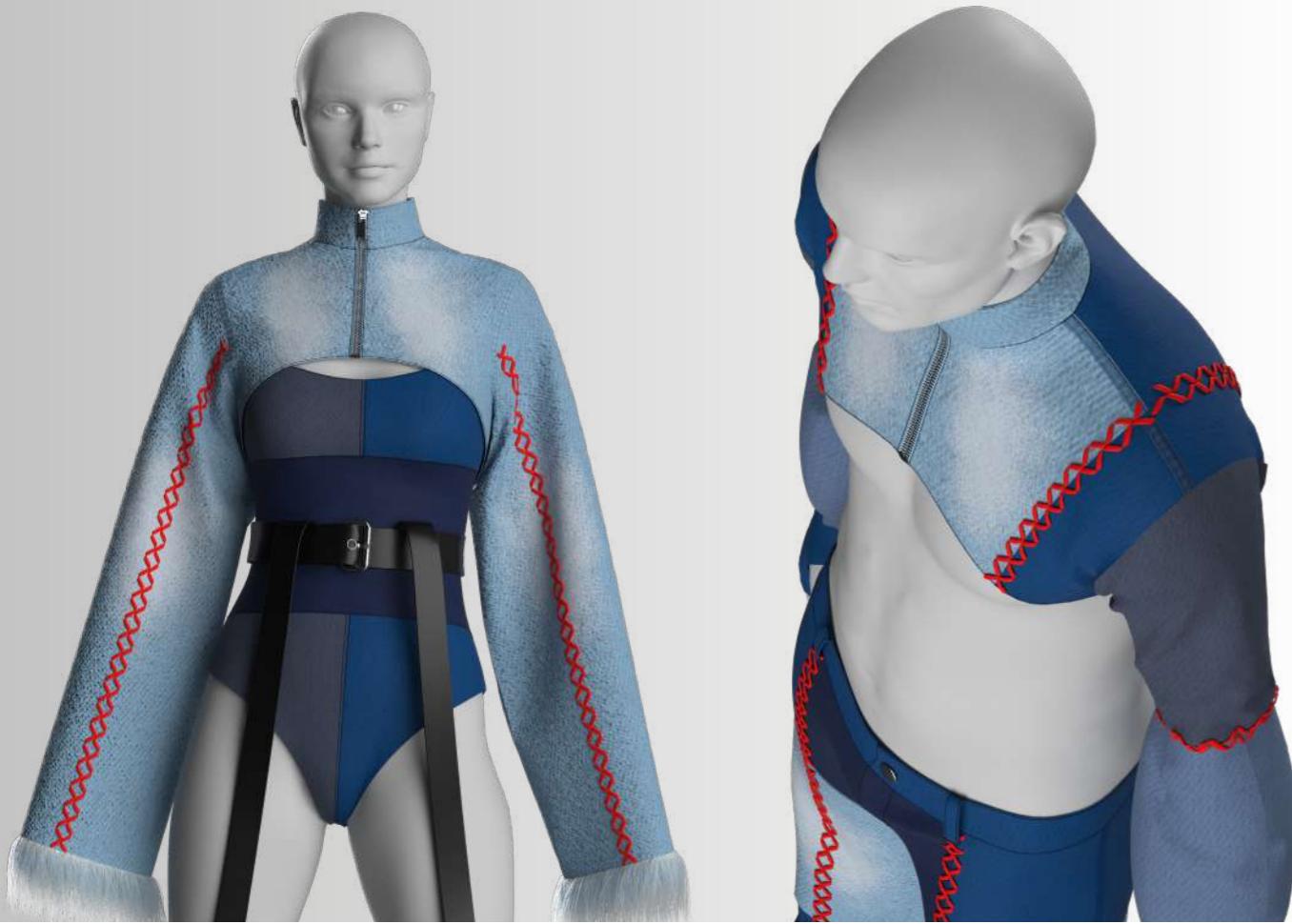


Instagram pessoal: @nati.regis

Instagram da coleção: @solitude_xi

Behance: <https://www.behance.net/natiregis>





LIA KUODREK

Tudo de cabeça para baixo, não dá para se encontrar nessa bagunça. A mente sempre a mil por hora, desesperada para se desligar pelo menos por um segundo, na esperança de encontrar um resquício de paz. A inspiração se dá pelo reflexo de uma rotina corrida e seus desesperos; inquietação, balançar as pernas, roer as unhas, falta de ar e pensamentos intrusivos... são apenas algumas das várias fases da ansiedade.



Instagram pessoal: @liakuodrek
Instagram da coleção: @ onico.fagia



**PPG
MODA
UDESC**
|||||

MESTRADO PROFISSIONAL EM **DESIGN DE VESTUÁRIO E MODA** UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

O Mestrado Profissional é definido como uma pós-graduação *stricto sensu* voltada para a capacitação de profissionais mediante o estudo de técnicas, processos, serviços ou temáticas que atendam a alguma demanda do mercado de trabalho/sociedade.

Área de concentração:
Moda e Tecnologia do Vestuário

Linhos de Pesquisa

Design de Moda e Sociedade
Design e Tecnologia do Vestuário

Duração
24 meses

*legenda Le-
genda legenda
legenda*

Nota 4 no MEC!

para mais
informações:

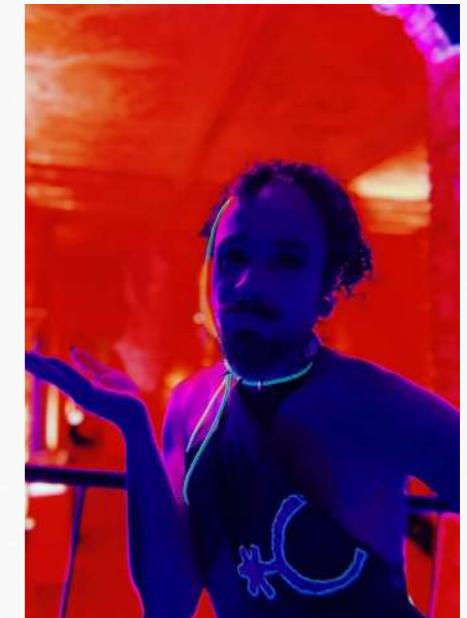


UDESC | CEART | DMO

Entrevista com Verdi Vilela

POR: GREG MALAQUIAS

BIXAPRETA, TRANSNÃOBINÁRIE PERIFÉRICA. TRANS(MUTANTE) E MULTIPLICADORA EM CASA DY CRIATURAS. INTEGRANTE DA REDE DE ESTUDOS DECOLONIAIS EM MODA (REDEM). DOUTORANDA EM ANTROPOLOGIA, MESTRA E BACHARELA EM MODA.



Resgatando a temática que direciona a edição 11 do OCTA Fashion, sobre ciclos, gostaríamos de saber como a área de Moda entra na sua vida.

Isso tem a ver com minha própria construção identitária, e assim como os recortes estruturais que ela carrega, a moda entra na minha vida quando eu renasci. Entendo que há dois lugares na moda: aquele lugar sistêmico, capitalista, que acredito ser responsável pela própria modernidade assegurado pelo neoliberalismo e a colonialidade; outro, que na verdade são outros lugares, aqueles que sobram, sobrevivem e (re)existem, a moda na qual acredito.

Como bixa preta e periférica, é preciso buscar estratégias de sobrevivência, (re)existência, ser bom em tudo para ao menos ser vista, então sempre me esforcei em ser a primeira aluna, educada, estudiosa, porém, naquela idade, não bastava. Assim eu inventei a Verdi. Ela era sobre muitas coisas: sobre gênero, “é menino ou menina?” É menina! “azul ou rosa?” Verde! Era sobre meu carinho e respeito pela natureza, minha cor preferida, e por meio da moda escolhi passar essas mensagens. Moda da Verdi é sobre um grito de liberdade e por isso ninguém me vê basiquinha, eu grito através da Moda, para ser vista e não invisibilizada, para ser respeitada!

Quais experiências te conduziram para o Programa de Pós-Graduação - PPGMODA UDESC e como foi essa trajetória?

O que me trouxe ao PPGMODA foi a experiência da dor, mas também da busca pela cura, a indignação ao sistema de Moda “normativo”, hegemônico, que prefiro chamar de colonizador. Para alcançar o espaço que alcancei na indústria, tive que colocar a Verdi no baú e me “heteronormativei”, fiz cosplay, me embranqueci e assim me tornei estilista, designer e cargos que até então me eram negados porque “suas notas são excelentes, mas achamos que você não é a cara da marca”. Chegou um ponto que isso estava me machucando demais, não só por entender que embora ocupasse determinados espaços jamais atenderia o padrão para ocupar espaços maiores. Percebi inclusive que não era a única preta da criação, essa única preta tinha pele clara, e notei que as pretas retintas estavam em cargos ainda mais subalternos.

E já entendendo no mais basilar que a sociedade era racista, ainda precisava entender o que levava a Moda ser debochadamente racista, não por curiosidade, mas por precisar fazer algo. Então, sabia que a academia poderia me ajudar a ter essas respostas para praticar fora, na indústria. O PPGModa caiu como uma luva e sabia, numa expres-

são bastante modista, que daria muito pano para manga participar de um programa que se dispõe à indústria (também) e, ainda, que é alinhado à Moda e à Sociedade.

De onde surge o interesse pela temática de sua dissertação envolvendo o mapeamento de ativismo e aquilombamento de marcas contemporâneas antirracistas de moda Afro-brasileira?

O PPGModa tem o propósito de aplicar a pesquisa e esse foi um dos atrativos, para mim. E eu precisava de alguém ou alguma marca que fizesse sentido para mim, que estivesse alinhada ao meu propósito, meus valores. Os professores, diferentemente do que escuto sobre outros programas, te pegam na mão, ninguém está sozinho. Não tive cuidado só da minha orientadora; que modéstia à parte, é incrível — grande beijo a Dani Novelli —; mas todos com os que tive aula.

Minha pergunta [de pesquisa] estava errada. Eu achava que deveria solucionar algo da marca Zkaya, induzida por uma academia eurocentrada — não falo isso criticando o programa, é algo estrutural! Minha pesquisa me fez perceber outros aspectos. Minha admiração pela Zkaya aumentava à medida que estudava raça e moda, me surpreendendo como a marca (re)existia. Era esse meu papel: contar para novos afroempreendedores de moda como (re)existir, eu não sabia disso, mas Laís Zkaya, sim!

Laís Zkaya é uma das afro-empreendedoras mais sofisticadas que conheço, fez da sua construção o reconhecimento de sua força enquanto negra. O que fiz foi contar academicamente o que ela já fazia. Trabalhos sobre empreendedorismo negro e afins já existiam, então apostei no que acredito ser mais basilar e que a moda ainda pouco discute: as nossas formas sistêmicas, aquelas que são ancestrais e (re)existem a colonialidade, era preciso falar de aquilombamento na moda. O povo negro precisa se fortalecer em pares, só o prete sabe as necessidades de outro. É preciso trazer isso a qualquer sistema que confronte a colonialidade, nesse caso, a moda colonizadora.

Quais seriam os apontamentos que considera de maior relevância vinculados à construção dessa pesquisa?

Embora o racismo seja estrutural e devemos debater raça em todo e qualquer assunto neste país, a moda foi uma importante ferramenta de

construção do racismo e mantém como uma ferramenta de manutenção até hoje. É péssimo dizer isso, mas é real, ela [a pesquisa] é relevante antes de tudo por trazer esse debate para a academia. Há inúmeras/es/os autores que discutem moda e raça, mas nem tanto na área de moda. Como disse Carol Barreto, “como a Moda está fora do debate racial se a estética continua ditando quem vive e morre nesse país”? Minha pesquisa contribui para a academia de moda por fomentar, mostrar que nosso conhecimento (povo preto) não é menos científico e que funciona, ou não estaríamos vivos.

A outros afroempreendedores, não pretendendo que se atentem a cada passo de Laís Zkaya, a mensagem é que se aquilombem, o resto é consequência. E também há as individualidades, não acredito em neutralidade de uma autora. Então também é sobre mim; minha construção identitária; e sobre a Laís, sobre nossa amizade e aliança. É individual e, ao mesmo tempo, coletivo. Trata-se de escrevivência; não vou solucionar o racismo com minha pesquisa, mas é preciso falar sobre raça em todos os assuntos. Eu falo na moda e vocês, antirracistas, falam onde? [não é uma pergunta impositiva, mas provocativa].

Pensando nos apontamentos da sua pesquisa e na vivência da indústria de moda, que sugestões você teria como aplicação prática envolvendo a relação academia-indústria enquanto contextos complementares?

Depende muito de cada pesquisa, mas de um modo geral o que percebo é que falta à academia saber escutar quem está de fora. É preciso TRANSDisciplinarizar, TRANScender e no meu caso, TRANSICIONAR. Precisamos romper com a ideia de que a academia leva luz àqueles que “não a tem”. É preciso ouvir. Cada pesquisa depende daqueles que irá ouvir. Para realizar minha pesquisa foi preciso ouvir outras pessoas pretas. Ouvir o que os quilombos têm a nos contar; ouvir a voz da rua, das mesas de bar; ouvir-me, inclusive. Da parte da indústria é a mesma coisa: é preciso aprender a ouvir a rua. Foi muito simples aplicar o que aprendi na academia nas práticas de mercado. Era o que eles queriam. Mas quem quer ouvir a rua?

RENAUXVIEW

Tecidos para Criar



Moda Digital: O Que Muda e o Que Permanece.

POR: VITÓRIA BOBSIN E
NICOLAS NUNES

O ano era 1999 e o estilista Alexander McQueen apresentava um desfile pouco convencional. No centro da passarela, a ex-bailarina Shalom Harlow com um vestido todo branco e ao seu redor dois braços robóticos de uma fábrica de automóveis italiana disparavam spray com tinta para pintar a peça. Como uma boa manifestação de McQueen, que tornava os desfiles cada vez mais focados em críticas ao sistema de Moda, a apresentação foi uma mensagem clara contra o mercantilismo desumanizador que se encontrava no cerne da indústria da moda.

Pulamos para o ano de 2022, quando a designer de moda recém formada Lisa Jyang apresentou para seu trabalho de conclusão de curso, na Central Saint Martins, peças de roupas que se mexem sozinhas, especializando-se em weareble kinetics - cinética vestível. A designer confeccionou organzas delicadas que se movem espontaneamente graças a componentes na parte interna da roupa que geram energia cinética.

De um lado, a Moda e a Tecnologia se unem para expor falhas num sistema: a roupa apresentada dessa forma causa emoção no público para instigá-los a refletir sobre esta indústria. De outro, a Moda tangenciando a Arte, em uma colaboração com a tecnologia que abre portas

para integrar e questionar os limites do mundo real e do virtual. Independente da origem e do ano, os dois exemplos mostram que a tecnologia e a moda não se conhecem de hoje, a relação é antiga e mesmo que se manifeste em infinitas possibilidades, ainda carrega muito da essência instigadora de Alexander McQueen: para ele seu ofício foi sempre muito mais que roupas, ele queria transmitir uma mensagem.

Hoje, nossos feeds são os que carregam muitas dessas manifestações. Seja com o metaverso, a criação de skins (vestuário) para jogos, os NFTs ou as renderizações 3D, estamos cercados de conteúdo e novidades sobre esta integração de uma indústria secular e das inovações digitais. Aos olhos é impressionante, a moda parece tocar o impossível, mas como designers estamos passando uma mensagem, como queria McQueen?

Para desenrolar este fio, nesta edição da Octa Mag 11 queremos propor desemaranhar uma das tecnologias que mudou o cenário da Moda nos últimos dois anos: a modelagem de roupas 3D. Na Indústria 4.0, era esperado que o Sistema de Moda abraçasse as novas possibilidades, uma vez que a Moda será sempre um retrato de seu tempo. Mas para além de analisar este comportamento enquanto tendência



*Todas as imagens
desta reportagem foram
criadas pela entrevistada
Giovanna Marçalo, da
Fantastic Studio Fashion*

de mercado, com o objetivo de compreender seu efeito na indústria e nos indivíduos que a compõem: o que muda e o permanece quando entra a tecnologia da modelagem 3D?

Para ajudar nessa conversa, este texto contou com uma entrevista com a designer 3D Giovanna Marçalo, à frente do Fantastic Studio Fashion que trabalha com a modelagem tridimensional em software. Giovanna foi quem executou a produção dos looks digitais do desfile da edição OCTA 11 e participou de uma interação física e digital com os alunos e professores durante a criação.

O QUE É A MODELAGEM 3D

A Modelagem 3D aplicada a moda consiste na criação de roupas num ambiente digital, cons-

truindo a peça em um software específico para vestuário e renderizando uma imagem, com movimento ou não, do seu avatar com a peça no caimento e texturas propostas.

Mesmo que os programas variem em funcionalidades e interface, a ideia geral é de reproduzir a modelagem plana - bidimensional -, "costurar" e vestí-la num manequim digital. Como na confecção física, dependendo da escolha de modelagens, caimentos de cava e gancho, escolhas de tecidos, a peça assume um aspecto diferente.

Para a designer Giovanna, estes conhecimentos são muito importantes para que você possa olhar um croqui e um desenho técnico e entender como precisa modelar essa peça. Ela conta que

apesar de sua longa experiência na indústria da Moda, não é modelista, e neste ponto o conhecimento 3D e os saberes tradicionais da modelagem plana em interação com os professores da Moda UDESC foram essenciais para uma execução mais ágil. Segundo Giovanna, "muitas vezes dentro do software você não consegue fazer algum tipo de acabamento ou costura que você faria na vida real, então nas discussões com os professores nós achávamos adaptações de como representar esses detalhes que no software não eram possíveis." A ferramenta muda, mas o conhecimento técnico permanece e auxilia no processo, otimizando o tempo de "quebrar cabeça" - como colocou Giovanna - e sugerindo correções nos moldes que melhoram o resultado

Por este viés, como estudantes de Moda, não há ainda na graduação da UDESC o contato com o software, mas modelagem plana é um assunto discutido e praticado do início ao fim. Compreender que este conhecimento é indispensável para adotar a nova tecnologia, permite ver que trabalhar com Modelagem 3D pode estar mais próximo do que parece, mas então, qual o primeiro passo para se especializar nesta área?

Giovanna nos contou como chegou até essa profissão. Ela relata que quando decidiu investir nesta carreira, focou em participar de eventos, feiras e congressos internacionais que apresentassem novas tecnologias, principalmente na área de moda e têxtil. Foi em um desses eventos que ela entrou em contato pela primeira vez, em 2019, com os softwares de desenvolvimento de amostras digitais em 3D. Depois desse pontapé, ela começou a pesquisar, entrar em contato com empresas e buscar cursos online para se especializar nas ferramentas. Foi durante a pandemia que ela baixou os programas e começou a estudar através de cursos em plataformas como Doméstika e Udemy.

Em relação ao mercado de trabalho, as oportunidades em que a indústria de Moda está aplicando a modelagem 3D abrangem o marketing como principal campo, compreendendo campanhas digitais, desfiles e metaversos de marca; como também a produção direcionada em indústria, para testes

sem gerar tantos resíduos. Para Giovanna, as empresas estão adotando os softwares com o intuito de diminuir as amostras físicas dentro da cadeia produtiva, o que já é um ótimo resultado a seu ver, visto que um dos objetivos da moda 3D, na indústria 4.0 é justamente otimizar o tempo na amostragem e reduzir o desperdício de matéria-prima, roupas e tecidos descartados.

No entanto, Giovanna também adverte: o intuito não é produzir mais, mas sim potencializar a qualidade, desenvolver um produto melhor, com maior pesquisa e inovação, otimizando o tempo do processo criativo focado na assertividade, que ao utilizar tecnologias como dados e inteligência artificial, proporciona à indústria a capacidade de produzir menos, com qualidade e foco.

COMO DESIGNER DE MODA O QUE POSSO FAZER

Entra, então, a figura do novo designer tentando não se perder no meio do caminho. São novas oportunidades de aprendizado, muitas ferramentas impressionantes, o que tem seus prós e contras: é fácil se interessar pelo que é bonito e esquecer que devemos, como designers, resolver problemas.

A indústria da Moda é a segunda indústria mais poluente do planeta e como mostram os exemplos anteriores as novas tecnologias vêm para propor soluções contra essa permanência da poluição, da exploração e do descarte. É relevante formar-se designer na indústria 4.0 com este contexto em alerta, abusar de fontes de pesquisa e inovações em cada canto do país e do mundo para questionar a demora do Sistema de Moda em remodelar-se. Como Giovanna evidenciou ao falar da moda digital, os conhecimentos tradicionais de modelagem e confecção são essenciais para a produção otimizada no software 3D, e este primeiro passo já demos na graduação. Estudar e explorar do mais básico ao mais recente campo do conhecimento nos permitirá criar com consciência, pesquisa e intenção.

A designer destaca a produção sob demanda como uma das possibilidades que novos criadores podem explorar através da

tecnologia de modelagem 3D e que refletem em mudanças de consumo e descarte. "Eu acredito que a venda sob demanda é muito interessante e necessária para que possamos continuar consumindo moda física reduzindo o impacto no meio ambiente, e principalmente na indústria da moda, em que cada vez mais peças customizadas e produções personalizadas são mais desejadas e a moda 3D possibilita isso. A venda sob demanda é um sistema que vem se tornando cada vez mais possível graças à moda 3D, e que, talvez num futuro próximo, muitas empresas estarão adotando", conta Giovanna.

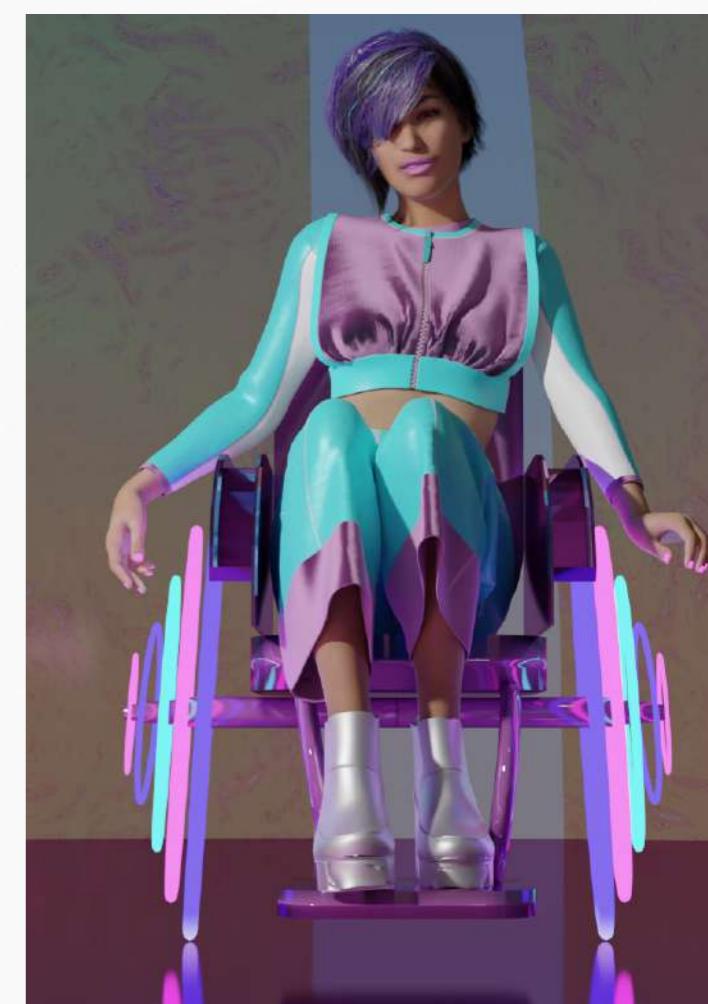
Ainda, cabe ressaltar o papel dos designers em defender e disseminar as novidades que vem pro bem. Na visão da Giovanna, as empresas e os profissionais de moda necessitam "abraçar essa causa", porque é a partir deste entendimento dos processos e tecnologias e assimilação das possibilidades que os consumidores vão começar a consumir essa moda e produzir demanda.

COMO CONSUMIDOR O QUE EU POSSO FAZER

Os passos são dados um a um e a moda 3D, por enquanto, não é algo que está forte para os consumidores. De acordo com Giovanna, a moda digital está chegando primeiro nas empresas e profissionais de moda, que somos nós, e que ao utilizarmos essa tecnologia e reconhecermos sua importância, aí sim, ela vai se tornar mais comum no mercado e chegará ao consumidor.

Tornar a tecnologia de software 3D mais uma ferramenta em prol da sustentabilidade na indústria da Moda, e não apenas uma tendência com apelo visual, acarreta o nascimento de pequenas iniciativas, de uma nova comunicação focada nas mudanças que isso promove e na transparência e compromisso com o consumidor e com o mundo; porque o consumidor também se interessa pelas novidades e é agente impactado e impactante desses novos processos, afinal, novas iniciativas precisam de apoio comercial não só de hashtags e reposts.

A moda sempre existirá, ela sempre estará entre nós em como nos comunicamos e nos vemos, por isso é preciso provocá-la a se atualizar. Nas palavras da designer Giovanna, a moda estará presente, porque onde há pessoas, seja no real ou virtual, há interação social e há moda. Porque moda é identidade, é personalidade, é querer mostrar quem você é e quem você gostaria de ser. Então, as possibilidades são impressionantes.



E aí, quem você gostaria de ser neste novo cenário?

FONTES

- <https://www.lisajiang.co.uk/about>
- <https://audaces.com/moda-3d/>
- <https://elle.com.br/elleview>
- Livro Alexander McQueen, Vogue, Chloe Fox, Edição Globo, 2012.

Ciclo 3

108 **Carla Pietra**

NEORAL

110 **Amanda Britto**

SAUVETAGE

112 **Julia Schwartz**

EFEITO BORBOLETA

114 **Pavla Fabbris**

SPECTARE

116 **Rafaela Otto**

JAMAIS VU

118 **Laura Tenório**

BENNU

120 **Heloísa Yayoi**

REVMA

122 **Délis Solon**

IMPULSE

124 **Adriana Suzena**

CAMBIO DE PIEL

128 **Marina Turra Moro**

ALTER EGO

130 **Luisa Lobato**

DEVANEIO
ONÍRICO

126 **Henri Alves**

HIPERABURDO

132 **Carolina Bonatelli**

FRACTUS



CARLA PIETRA

Ilusão, erro, confusão, interpretação e adaptável.

Significados numa sociedade híbrida e líquida. Camadas e camadas de pixels dão um novo significado para a ótica humana.

A inteligência artificial, um novo intelecto, traz consigo outra maneira de pensar e uma nova capacidade de recombinações. Produtos visuais singulares resultam em peças e conceitos. Avatares e interações pós humanas.

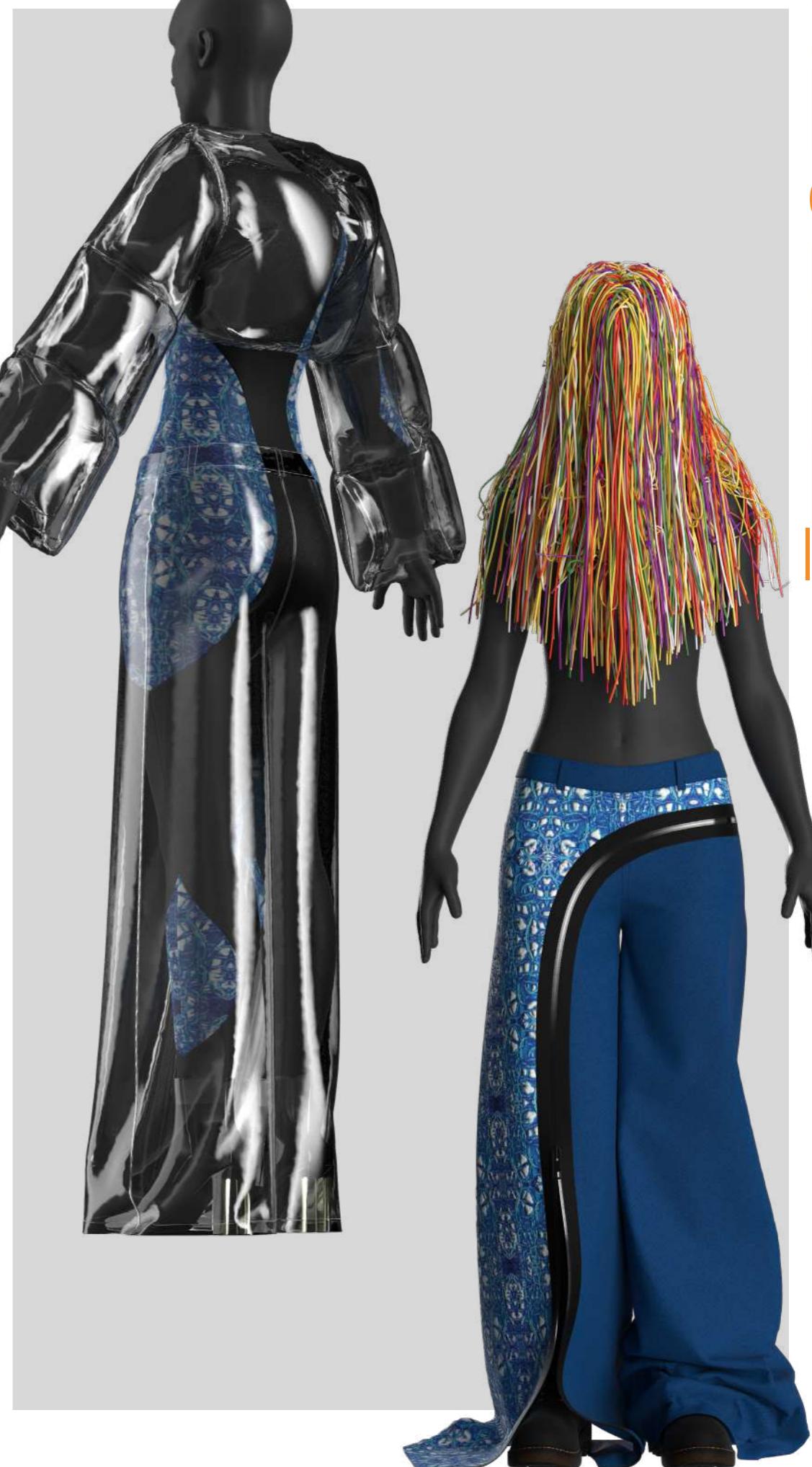
A realidade ganha um novo significado e é preciso projetar para fazer parte. O futurismo presente traz novas formas de agir e aprender. Possibilidade de criação sem uma consciência humana. Neural aproxima o conceito do cérebro sintético com a criatura. Seria esse, um novo mundo ou uma releitura do mesmo?



Instagram pessoal: @carlapi.ltra

Site da coleção: <https://carlapietrapf.wixsite.com/carlapietra>

Behance: <https://www.behance.net/carlapietra>





AMANDA BRITTO

Sauvetage (do francês, “resgate”) nasceu pela inspiração da estilista em lembranças de seu avô e de um amigo querido. Com a percepção da limitação de opções para o guarda roupa masculino, surgiu a intenção de mesclar os estilos de sua inspiração para a criação da coleção. A ausência de traços faciais nos croquis apresentados, representam uma indefinição para que não se limitem a um tempo, mas sim transitem por toda a história, resgatando elementos e memórias que façam parte de seu autoconhecimento.

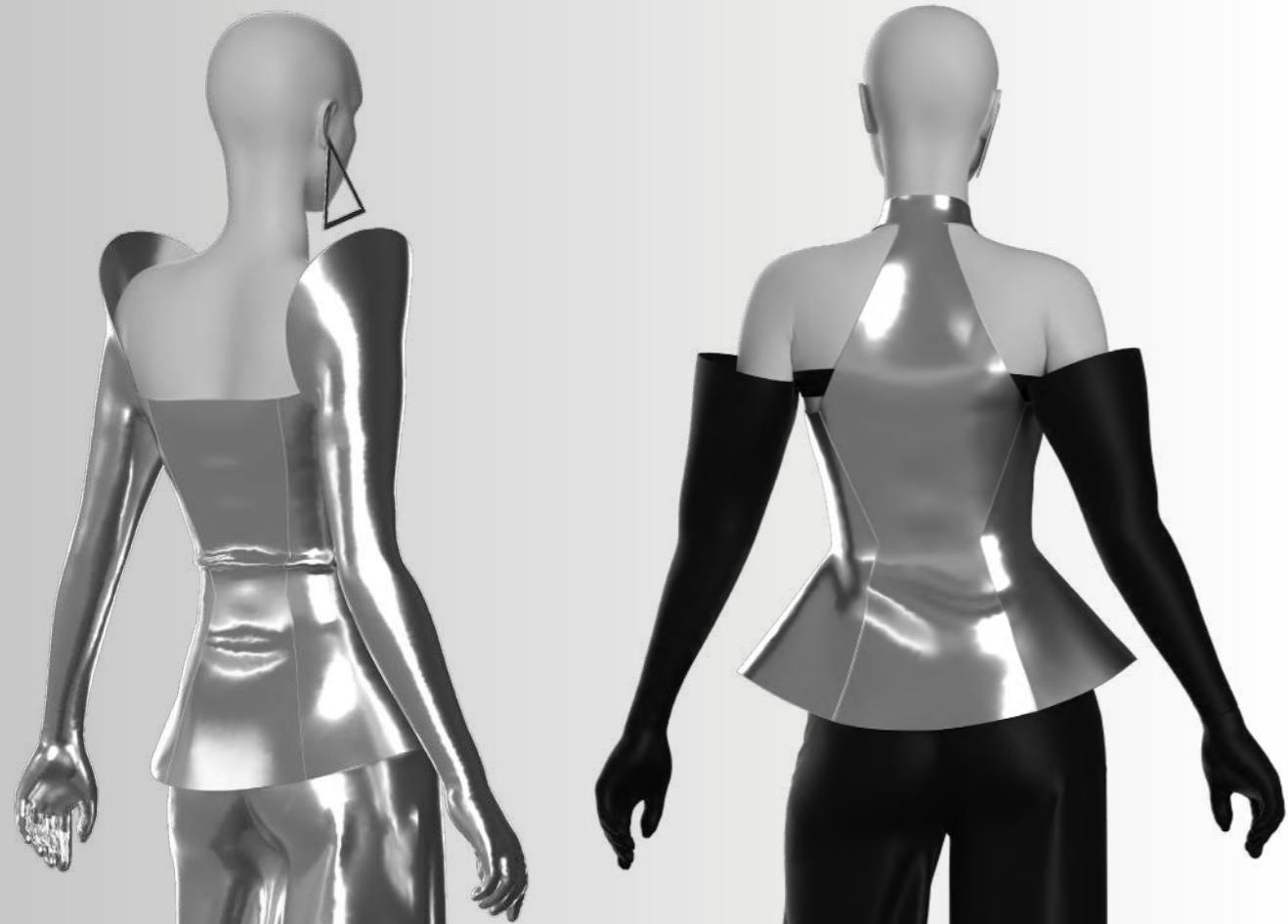


Instagram pessoal: @amandalbp

Instagram da coleção: @sauvetage.collection

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/amandalbp/>





JULIA SCHWARTZ

Uma instabilidade, um toque, um esbarrão, o desabrochar de uma flor, a metamorfose de uma borboleta; o que parece insignificante, pode ser determinante. A susceptibilidade às circunstâncias iniciais, a causa e o efeito, o melindrismo. Um pequeno ato pode fazer com que tudo se modifique. A natureza é dinâmica, uma constante mudança. A infinidade, probabilidades, eventualidades; há limites e lacunas em tudo o que é conhecido. O que dita o caos são as imisções entre o previsto e o ocorrido.

Instagram pessoal: [@juliacschwartz](https://www.instagram.com/juliacschwartz)
Instagram da coleção: [@effettometamorfosi](https://www.instagram.com/effettometamorfosi)





PAVLA FABBRIS

O olhar, uma forma única de ver e perceber o mundo, o **ruído das cores**, a herança genética que torna cíclica e carrega o diferencial, um vislumbre que causa curiosidade e confusão. Esse é o **olhar daltônico**.

Cada pessoa viva neste planeta tem um par de olhos únicos, cada um com seu **universo particular**. O do daltônico é menos saturado, mais análogo, causa desconfiança e insegurança, mas o diferente sempre foi interessante.

“E então Van Gogh, verde ou vermelho?” nem um, nem outro, tudo acaba em um emaranhado análogo. Quem sabe o azul dê cor aos olhos de quem aprendeu a ver o mundo pelo **brilho colorido da alma**.

Instagram pessoal: [@hey_pavla](https://www.instagram.com/hey_pavla)
 Instagram da coleção: [@spectare.collection](https://www.instagram.com/spectare.collection)





RAFAELA OTTO



É beirar o desconhecido. Estar perdido por segundos num lapso de memória que interrompe os sentidos e de repente, se encontrar onde tudo parece novo de novo.

Como se fosse num delírio que se pudesse encontrar a forma de reviver o êxtase de se deparar com o intrigante. Se desprender do comum e paradoxalmente, voltar a atenção aos detalhes do ser.

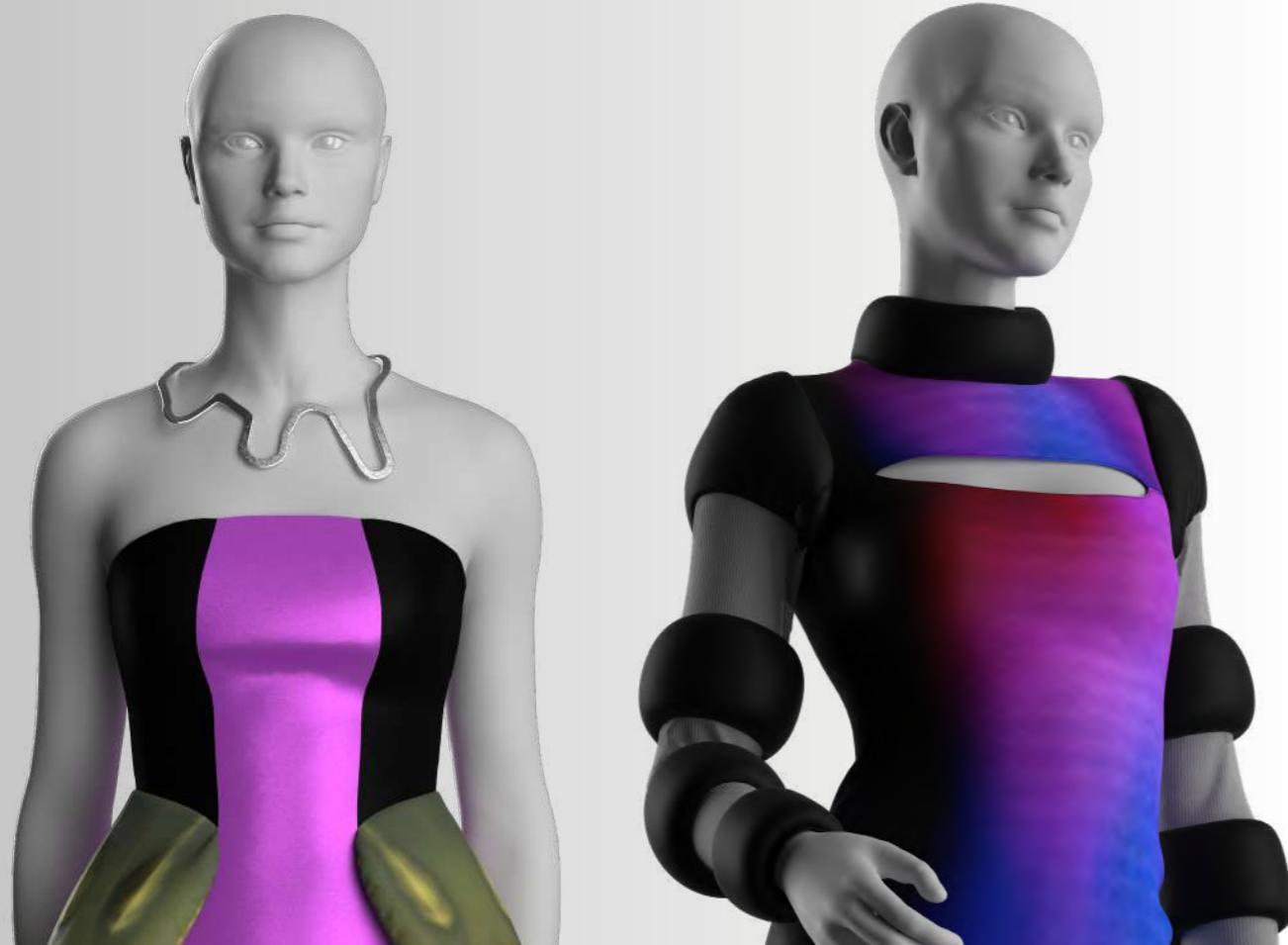
Por alguns segundos revisitar a primeira sensação. Uma falha que, subitamente, traz de volta aquele primeiro olhar. Ser e perceber. Para enxergar dentro de si e reconectar-se, o ser e o todo.

Instagram pessoal: @rafaotto

Instagram da coleção: @jamaisvu.octa

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/rafaela-cardoso-otto>





LAURA TENÓRIO



Ciclos nos permitem recomeçar e manifestar o novo. Esse movimento ordenado de renovação, pertence à busca pela liberdade e tece sentidos para a existência humana, complexa e frágil. Ressurgir a partir de uma despedida, de um fim, que é logo internalizado como um novo começo para quem permite a si, assim enxergar e sentir.

Recomeço.

Ressurgimento.

Sensações e fluxos que nos conduzem a um caminho de liberdade, mesmo que tardia. Ressurge-se, então, somente aqueles que viam em todos os seus fins, um recomeço.



Instagram pessoal: @laurartenorio

Instagram da coleção: @ b.enn.u

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/laura-ribeiro-ten%C3%B3rio>





HELOÍSA YAYOI

A coleção Revma é inspirada em tons, movimentos e formas da natureza. Foram exploradas texturas de fungos e plantas para conceber caimentos e texturas da coleção, que podem ser observadas a partir das nervuras e plissados nas peças. As músicas são crescentes assim como os ciclos da vida. O nome escolhido vem de um dos ciclos explorados que significa correnteza em grego.



Instagram pessoal: @heloisayayoi

Instagram da coleção: @ colecao.revma

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/helo%C3%ADsa-yayoi/>





DÉLIS SOLON

De repente, quase como em um impulso, algo nos faz nós. Cá estamos. Ainda desatentos das razões que aqui nos trazem mas cientes do que nos torna comuns uns aos outros: o impulso que abre nossos olhos.

Instagram da coleção: [@impulsecollection](https://www.instagram.com/impulsecollection)





ADRIANA SUZENA

Quando não cabemos mais em nós, mudar é a única opção. Por vezes, essa transmutação se apresenta como um processo árduo e complexo, porém altamente necessário. No aperto da crisálida, sozinhos em si, canaliza-se a energia acumulada durante a vida, energias boas ou ruins, qualquer coisa pode ser o início de algo maior e a gota d'água para mudança. Quando o ambiente se transforma nos convida ao novo, somos moldados, transformando-nos em seres melhores que outrora, lotados de energia extravasando as novas asas em uma linda explosão de cores. Logo percebe-se que é facilmente reduzido a um belo ciclo de energia e transformação que nos vicia a sempre buscar por mais experiências catalisadoras de aprendizagem e consciência. Dessa forma a metamorfose nunca falha em apresentar ao mundo a melhor versão do ser, sua forma mais completa e pronta para o que há por vir.



Instagram pessoal: @suzenadriana

Instagram da coleção: @cambiodepiel.co

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/adriana-suzena/>





HENRI ALVES



Quando estar online é uma obrigação, a hipérbole é necessária na construção do momentum.

Na busca por espaço, atenção ou um duplo toque sobre a tela é preciso exceder, transbordar, pertencer e, pertencendo, fugir.

Erguemos templos, criamos nossas heterotopias e com a ajuda do algoritmo encontramos espaços seguros para viver nossa frivolidade.

Inúteis, debochados, artificiais.

Na era do propósito, da performance e da produtividade, não seria a frivolidade um comportamento insurgente?

A modernidade derrete a cada scroll.

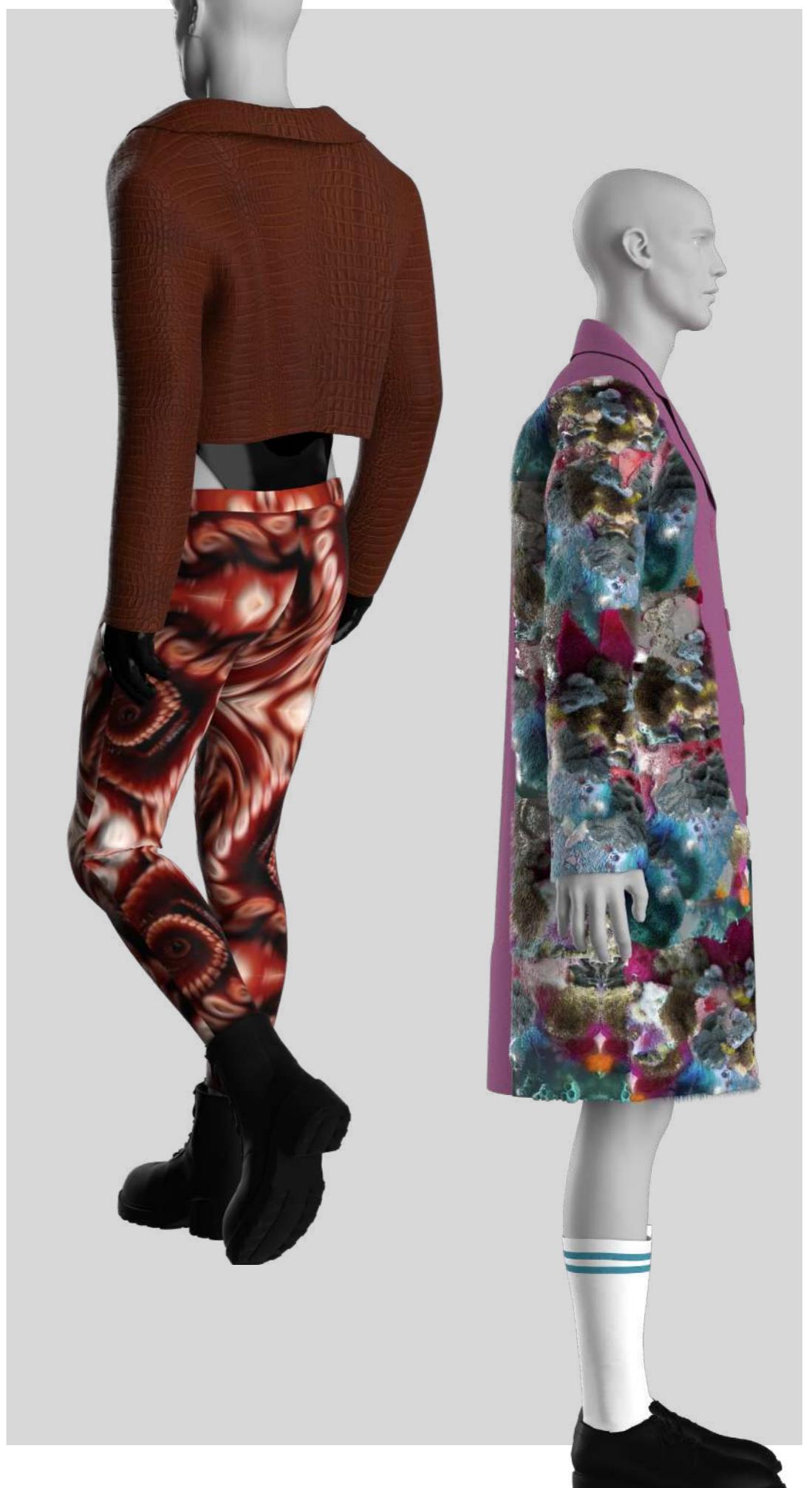
O bizarro toma espaço e nos exige ser mais.



Instagram pessoal: @moihenri

Instagram da coleção: @hiperabsurdo

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/henrique-figueira-alves/>





MARINA TURRA MORO

Existe um Alter aspecto que habita o ser. | Lá vive durante o tempo. | Em muitos - na realidade - nem vive. | Em outros, simplesmente - é - escancaradamente. | Estes últimos, não há dúvida, são de aparência muito mais vibrante. Vivem como se estivessem nus. Este Ego - vive - nos chamados "Loucos". Ele é uma espécie de sal, um tempero, para com a água com açúcar da vida que pessoas de bocas bocejantes defendem com unhas e dentes. | Atrita-se com o que é julgado apropriado. Grita. Chora. Gargalha. Morre de raiva. É igualmente santo e diabólico. | Instabilidades fecundas...

Os Loucos, os terceiros dizem: falam sozinhos. Promovem longos - eu caracterizaria como ricos - solilóquios. | E como poderia isto ser diferente? Se prestam ouvidos bem abertos aos vários e contraditórios e inquietantes e sabe-se-lá-mais-o-que sussurros do todo que ao seus redores se dispõe?

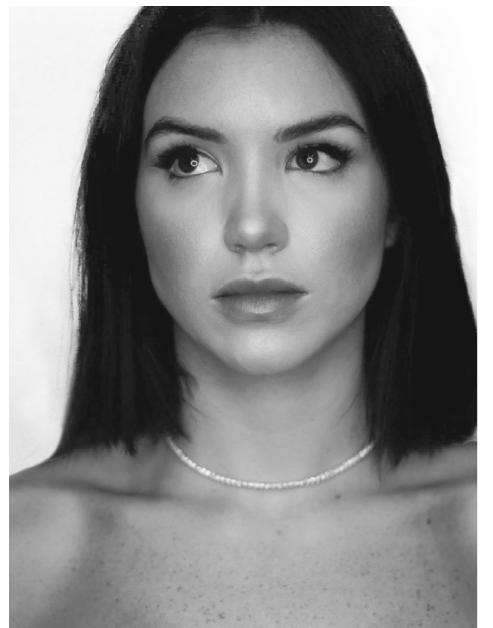
Fingir surdez? Calar-se?

Há de haver um motivo pois que muitos dizem sim como resposta às duas últimas perguntas.

Esquecem, no entanto que
O rei está nu.

Instagram pessoal: @marinaturra
Instagram da coleção: @octa.alterego





LUISA VON WANGENHEIM LOBATO

A coleção “Devaneio Onírico” é sobre escapismo, sonhos, fantasias e imaginação. É a jornada que percorremos pelos caminhos inconscientes da mente. Permitir que ela te guie pelos caminhos próprios dela. Adentrar portas ocultas que se abrem e jamais se fecham. Descobrir lugares antes inabitados ou abandonados. É sobre fugir de si para se encontrar. Intuir. Criar. Se libertar. Sonhar. Principalmente quando se está acordado. É a abstração de tudo o que não pertence ao “mundo real”. É o desconforto que existe no conforto. A coleção é inspirada nas dificuldades do enfrentamento do período crítico em que vivemos. Como cada pessoa lida com essas questões internamente e todos os seus desdobramentos. Em um contexto pós-pandemico, de muita instabilidade e conflitos sociais, políticos, ambientais e econômicos.



Instagram pessoal: @luisalobato

Instagram da coleção: @devaneio.onirico

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/luisavwlobato>





CAROLINA BONATELLI



O espetáculo do universo é um movimento incessante de nascimento, desenvolvimento e destruição. O que à primeira vista pode parecer caótico, é na verdade o que rege e configura a ordem deste sistema. Cosmos e infinitude entrelaçam-se a partir de sua estrutura fractal e, em um processo retroalimentativo, o todo e a parte se fundem, em um cosmos onde infinitas possibilidades coexistem. Nesse sentido, pautada nos conceitos de ciclo, ordem e caos, a infinitude manifesta o eterno através de padrões fractais, perfeitos e complexos. Um holograma dinâmico e caleidoscópico de possibilidades - o cosmos, o tempo, a estrutura fractal e a mente são infinitude. Portanto, estruturas holográficas, como os fractais, permitem a mente enxergar o infinito.

A coleção **FRACTUS** desafia as barreiras entre moda, tecnologia e cosmos, redefinindo o que inicialmente aparenta ser caótico ou aleatório, através da ordem dada por sua natureza fractal. Estruturas 3D materializam o caleidoscópio complexo e infinito de possibilidades presentes no cosmos, os quais tomam forma a partir de filamentos, que fragmento por fragmento escrevem esta coleção.



Instagram pessoal: @ carol_bonatelli

Instagram da coleção: @fractuscollection

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/carolina-bonatelli-b8682b170/>



Cultura de Moda e um campo expandido de inserções profissionais

POR: PROFA. DRA. MARA RÚBIA SANT'ANNA

A moda como sistema produtivo, distributivo e de comunicação tem postos de serviços bem delimitados e bastante divulgados, mundialmente, para qualquer jovem bacharel em Moda buscar sua inserção profissional. Todavia, além das possibilidades de emprego oferecidas desde o início da cadeia produtiva do setor, tem sido, cada vez mais, abertos espaços de discussão, aprendizagem e pesquisa, cujos conhecimentos acumulados numa formação em Design de Moda são aproveitáveis.

Primeiramente, cabe destacar a preocupação contemporânea com todas as formas de acervos têxteis, derivada da inquietação de preservação das memórias, fazeres e saberes de tempos atrás e que, em sua lidez, tem velozmente se perdido os registros. Alguém habilitado como designer de moda tem muito a oferecer de saberes especializados e sensíveis tanto para a conservação dos têxteis, como para a indexação dos inúmeros artefatos destes acervos pelos viés técnico e quiçá histórico.

A prospecção de cenários futuros também é inerente à formação em Design de Moda, talvez não tão crítica como deveria acontecer, dada a tendência de submeter modelos padrões de pesquisa na formação oferecida. Contudo, para as mentes mais inquietas, questionadoras e menos formais, o processo de prospecção para a criação em moda pode ser muito proveitoso em ambientes empresariais, governamentais e de gestão mundial em que conjunturas atuais performatizam

condições vindouras para a sociedade gerir soluções sustentáveis em todos os sentidos.

A perspectiva da docência e da pesquisa acadêmica avançada está aberta a todas as pessoas que concluem o ensino superior. No caso do Design de Moda não é diferente, pois a necessidade de novos profissionais do ensino é permanente, porém, cabe apontar que o ensino superior de moda, como a mais de 3 décadas tem sido realizado, está com dias contados diante do debate mundial, mais e mais, cônscio das limitações da reprodução desenfreada de vestuário. Logo, quem desejar seguir por uma carreira docente e de pesquisa no campo, deve se impor o intuito de superar a subserviência do sistema produtivo ao modelo capitalista e hegemônico de poder que sustenta a dimensão sociológica e política do consumo.

Por fim, como inúmeras ocasiões pude afirmar em sala de aula, ser uma pessoa comprometida profissionalmente é, necessariamente, ser alguém compromissado com a sociedade, com todos os seres humanos e não humanos que serão afetados pelos resultados da ação profissional que realiza o mundo a nossa volta e mesmo para o futuro, por isso, minhas palavras finais aos quase recém designers de moda é: apostem no amanhã melhor para todas as pessoas, para todas as regiões do planeta e para que a cada novo sorriso haja um pouco da certeza que estamos realizando o nosso melhor.

Sucesso.

A moda não forma [faz] apenas estilistas!

POR: GREG MALAQUIAS

Pode parecer excêntrico ou mesmo peculiar iniciar essa produção textual a partir de uma reflexão acerca de corpo – o qual será ponto de partida não só neste momento, mas por todo o percurso desenhado para discutir entraves e desdobramentos encontrados na interpretação da Moda enquanto área. E, afinal, o que corpo tem a ver com Moda?

Se considerarmos que o vestuário é uma forma de sua representação ao interagir com o que entendemos de corpo humano, podemos ter uma resposta; no entanto, pode até soar extremamente simples ou mesmo reducionista do ponto de vista que busco me envolver nas próximas linhas, ainda que seja uma interpretação. Também devo pontuar que, com o intuito de propor um processo de sentido criativo na composição desta matéria, me beneficio da escrita sob a validação da subjetividade sem a necessidade de posicionar a narrativa textual em terceira pessoa, contribuindo assim para seu dinamismo.

Mas o que corpo [além do humano] tem a ver com Moda? Convido para que reflitam corpo para além do físico, do humano, do materializado no sentido palpável e com isso também aproveito para incluir questionamentos acerca de identidades. Pode parecer completamente difuso ou enevoado, porém chegaremos em algum lugar! Assim, se considerarmos tais conexões de sentido na comunicação corpo-identidade, é importante exaltar que a somatização de diversos elementos gera a produção de corpos, corporeidades, corporificações em sua pluralidade. Portanto, por meio dessa materialização podemos elaborar a Moda como um campo que carrega e alimenta certa produção de sentidos que culturalmente por meio de códigos e signos desdobra identidades, sejam a nível micro ou macro, influenciando inclusive nas imagens idealizadas nesse contexto.

Ao mencionar a idealização projetada dentro do campo, aproveito para conversar com a perspectiva de Stuart Hall ao pensar o deslocamento de identidades e reflexões que englobam a construção de sua fixidez, afinal, ainda que haja dificuldade no reconhecimento e identificação de uma identidade fixa desprendida da imagem da área, o discurso do sistema de moda reproduz culturalmente certa unidade identitária ao limitar-se às narrativas principalmente da área de criação – como

estilistas e desfiles de moda – ou mesmo ao cenário de tendências de consumo, que atua em conjunto dessa sistematização. Isso inventa e/ou projeta um corpo-moda que tem por característica fixa apenas ser interpretado como plataforma de constituição/formação de estilistas a lançarem coleções de moda.

Se Moda é corpo e se corpos inclusive transitam nas identidades, que convivem em negociação, e consequentemente as constroem e as destroem simultaneamente bem como auxiliam na legitimação e reconhecimento de discursos, a questão das identidades fixas construídas – muito pela repetição de códigos e símbolos – transformar o corpo-moda num só. Um corpo que não se dilui e não se desvincula ou se transmuta para além das narrativas presentes nos e por desfiles de moda! Assim, precisamos atuar e ser atuantes, buscar agência para diluir e deslocar esse ciclo que não absorve outras realidades de profissão, contribuindo para a visibilidade e identificação da pluralidade identitária no contexto do sistema de moda e as identidades por este desdobradas.

Prossigo então a partir da seguinte reflexão: Moda pode ser entendida como narrativa, como corpo, como constructo de múltiplas identidades em interação ou negociação, veículo de ampla formação profissional. E por que digo isso? Já não há mais tempo e espaço para narrativas cristalizadas acionadas, históricamente, a partir da homogeneidade que não permite outras interpretações dentro e inclusive fora do contexto, já que a insistência atravessa também o que entendemos como sociedade. Sendo assim, o seio das universidades abriga grandes figuras da comunicação e do marketing bem como exímias vitrínistas, pesquisadoras, costureiras, modelistas e historiadoras, além de muitas outras profissionais que estão prontas para serem identificadas pelo que se propõem a executar.

Devo enfatizar que meu intuito é refletir para além do que se construiu como narrativa [imagética] da área, que não possibilita a identificação, legitimação e aprofundamento da percepção socialmente de que a Moda só forma estilistas, ou que é apenas o mundo das passarelas. Enquanto isso, temos contextos silenciados e/ou esquecidos no atravessamento da própria instituição do que é Moda, na corporificação de seus sentidos.

CRUELTY FREE

VEGANO

LIVRE DE INGREDIENTES
TÓXICOS

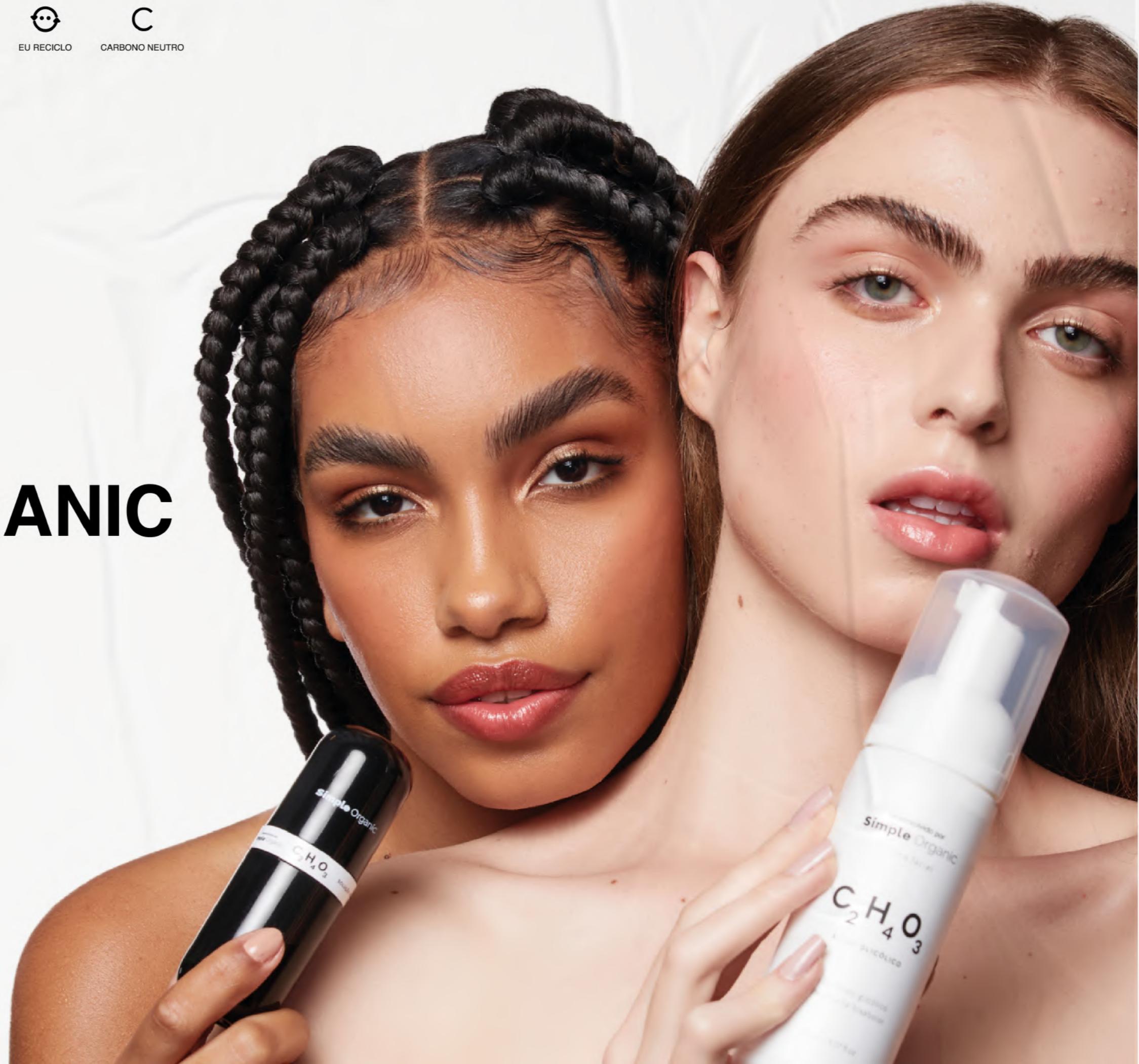
NATURAL

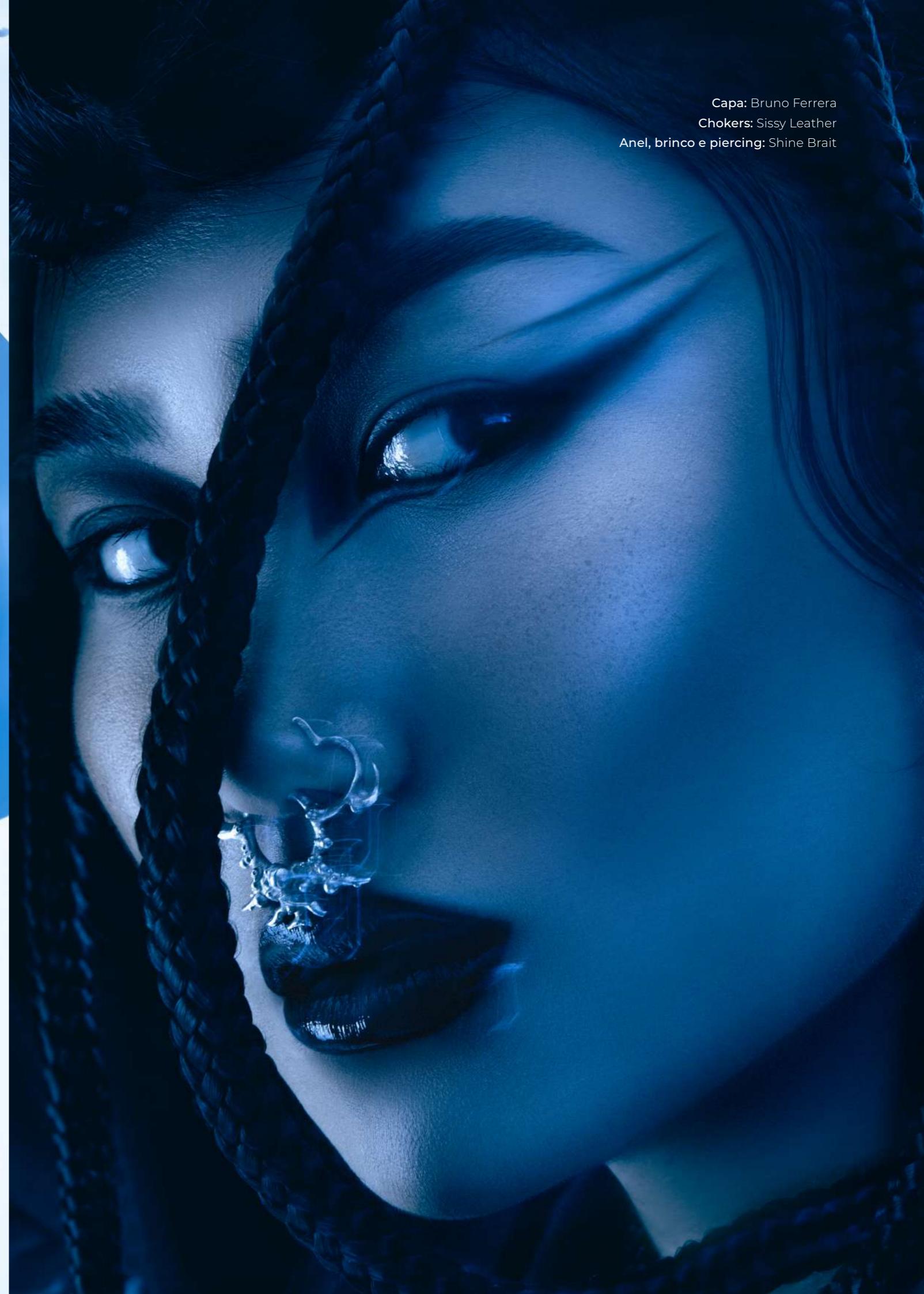
EU RECICLO

CARBONO NEUTRO

SIMPLE ORGANIC

BELEZA
SUSTENTÁVEL
DE ALTA
PERFORMANCE





Capa: Bruno Ferrera

Chokers: Sissy Leather

Anel, brinco e piercing: Shine Brait



Macacão: Bruno Ferrera

Botas: Acervo

Brinco e anel: Shine Brait



Body e jaqueta: Bruno Ferrera
Bota e luva: Acervo
Chokers: Sissy Leather





Macacão e Blusa: Carolina Ecco

Corset: Carlos Ali

Choker: Sissy Leather

Piercing: Shine Brait



Macacão e Blusa: Carolina Ecco

Corset: Carlos Ali

Choker: Sissy Leather

Piercing: Shine Brait

Têxteis Pós-Pandêmicos

POR: PROF. M. VALDECIR BABINSKI JÚNIOR

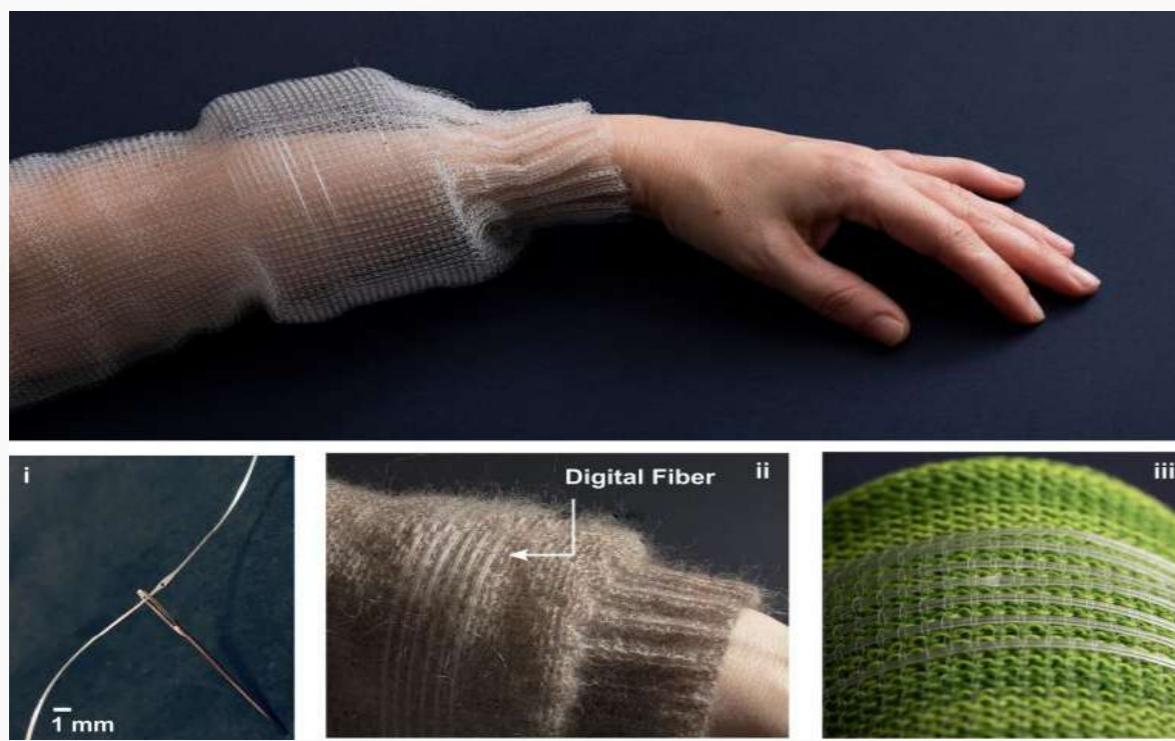
A propagação do vírus SARS-COV-2, no final de 2019, colocou em xeque o avanço tecnológico do planeta. A busca incessante por uma vacina que pudesse fazer frente aos quadros cada vez mais graves e epidêmicos, acelerou o processo de desenvolvimento de novas tecnologias. Nesse cenário, foram criados novos materiais têxteis que apresentavam propriedades bactericidas ultrasensíveis e cuja aplicação se deu em artigos hospitalares, fundamentalmente. Após a popularização desses insumos, surgiram os têxteis pós-pandêmicos: materiais tecnológicos que, além de auxiliar em funções médicas, estão voltados para a descompressão dos recursos naturais do planeta.

Entre esses têxteis pós-pandêmicos, pode-se citar: (I) as fibras digitais; (II) as fibras bioassintéticas; (III) as fibras da cana-de-açúcar; (IV) os metatecidos; (V) as fibras livres de pesticidas; (VI) as fibras produzidas a partir da reciclagem do Nylon®; (VII) as fibras de poliéster “orgânico”; (VIII) as fibras de algodão nanoprocessado; e (IX) as fibras

dos resíduos de madeira. A começar pelas fibras digitais, importa comentar que elas podem ser empregadas em tecidos que analisam o corpo humano em tempo real, para monitorar a saúde do usuário e o desempenho físico, assim como para o tratamento médico ou mesmo para a prevenção de doenças. Dispensam o uso de sinais ópticos ou elétricos. Os tecidos originados por essas fibras podem ser produzidos com microelétrodos de silício entrelaçados com nanofibras de polímeros programados.

Os polímeros também estão presentes nas fibras bioassintéticas. **TRATA-SE DE POLÍMEROS COMPOSTÁVEIS EM SOLO E HIDROSSOLÚVEIS QUE TEM COMO OBJETIVO DESCARBONIZAR AS INDÚSTRIAS TÊXTIL E DE CONFECÇÃO.**

Essas fibras podem ser elaboradas a partir da combinação de gás metano, biomassa, resíduos orgânicos e dióxido de carbono capturado. Um exemplo desse material que já está em curso e que apresenta possibilidades pró-ambientais pode ser observado



Fibras digitais com microelétrodos de silício embarcados. Disponível em: <https://shre.ink/1pHx>



Peças de underwear da Walmart produzidas com fibras de cana-de-açúcar. Disponível em: <https://shre.ink/1pH3>

no estudo da Nordic Bioproducts Group® que, em conjunto com a Universidade de Aalto e a Universidade de Tampere, desenvolveu uma fibra com baixa pegada de carbono a partir de subprodutos e resíduos da indústria florestal.

A promessa da startup da Finlândia está em encontrar um material têxtil que possa substituir o poliéster, a poliamida e o elastano — derivados de combustíveis fósseis. Seus esforços tiveram como resultado uma fibra têxtil vegetal que tem como base a celulose, mas apresenta propriedades similares às de uma viscose. Outra tecnologia pró-ambiental similar à fibra proposta pela Nordic Bioproducts Group® consiste no Power Shield®, um tecido de origem vegetal desenvolvido pela Polartec®. O material foi projetado para ser usado em regiões em que há mudanças climáticas expressivas, portanto, sua superfície é à prova de água e vento, e sua constituição permite a respirabilidade entre usuário e peça.

Como também está focada em diminuir a dependência das indústrias têxtil e de confecção por petróleo, a Polartec® tem investido em polímeros sem Perfluoroalcoxi Alcano (PFA) e empenhado esforços para encontrar alternativas ambientalmente cor-

retas e potencialmente escaláveis para o setor. Diferentemente do Power Shield®, as fibras da cana-de-açúcar foram desenvolvidas para a Walmart® para serem usadas na linha Kindly® de underwear. O tecido resulta de uma mistura que leva 80% de cana-de-açúcar e 20% de poliamida reciclada com elastano.

Por sua vez, **OS METATECIDOS CONSISTEM EM FIBRAS SINTÉTICAS À BASE DE TEFLON® COM NANOPARTÍCULAS DE TITÂNIO QUE REFLETEM A LUZ SOLAR E O CALOR E PROTEGEM O USUÁRIO DE CONDIÇÕES EXTREMAS.** Tal como o material da Polartec®, os metatecidos foram projetados para o enfrentamento às mudanças climáticas que podem ocorrer nos próximos anos. Todavia, eles ainda estão em fase de experimentação. Por outro lado, as fibras livres de pesticidas já são uma realidade, a exemplo do linho produzido pela norte-americana CRAILAR®. Do mesmo modo, as fibras provenientes do Nylon® reciclado também já estão em uso, conforme ilustra o exemplo da Repreve® que, recentemente, desenvolveu um processo capaz de produzir novos insumos com base na reciclagem dos resíduos do material.

De maneira similar ao material desenvolvido pela Walmart®, a Eco Circle Plant



Uniforme da liga de basquete da China, feito com a Eco Circle Plant Fiber.

Disponível em: <https://shre.ink/lpHq>

Fiber® criou fibras que misturam cana-de-açúcar ao processo de formação do poliéster em substituição às pastas derivadas do petróleo. Com a alcunha de poliéster “orgânico”, o material já está sendo usado

pela Nissan® para revestir bancos da linha Leaf®, lançada em 2014.

Diferentemente da Walmart® e da Eco Circle Plant Fiber®, a Evrnu® (uma empresa do grupo Loopool®) desfibrando as fibras de algodão de peças descartadas até a instância molecular, quando suas estruturas podem ser reorganizadas para formar novos materiais. Apesar de resultar em um substrato mais sustentável (pois não emprega matéria-prima virgem), o nanoprocessamento ainda consiste em uma tecnologia de alto custo. Por fim, as fibras dos resíduos de madeira podem ser obtidas a partir de uma mistura de elastano reprocessado e com polpas de madeira, a exemplo das peças confeccionadas pela marca Naia Renew®, do grupo empresarial Eastman®.

Assim, pode-se notar que os têxteis pós-pandêmicos possuem como norte a despoluição do planeta. Apesar de ousado, o objetivo vai ao encontro do postulado por entidades internacionais que estimam que, em um futuro breve, o uso de combustíveis fósseis não será mais viável. Conhecer e lidar com esses materiais torna-se, portanto, fundamental aos designers têxteis e de vestuário de amanhã.



Peça da marca Naia Renew feita a partir das fibras de madeira e de elastano reprocessado.

Disponível em: <https://shre.ink/lpxY>

AUDACES FASHION STUDIO



Potencialize sua criatividade
com uma solução simples
para desenho de **moda digital**.

FUN, SIMPLE, CREATIVE

www.audaces.com

@audaces



Prêmio



ADRIANA SUZENA
CAMBIO DE PIEL



AKINA DANIELA
/MICH/



AMANDA BRITTO
SAUVETAGE



AMANDA WAGNER DIAS
THE WHITE RABBIT



ISADORA CELESTE TOMASI
LEME



JANIELLY BARBOSA
ENCONTRO



JAQUELINE ROCHA
GENOTÓXICO INSÍDIA



ANA RAUPP
YLANG YLANG



ANA CLAUDIA HOFFMAN
FLORA



BÁRBARA BOPPRÉ
R.E.M



BEATRIZ BASTOS
ÉSSEPE



JOYCE AVILA
ETHERAL



JULIA PANCIERI
CRISÁLIDA



JULIA SCHWARTZ
EFEITO BORBOLETA



BRUNA MORES MARCOLIN
SHEMITAH



CARLA PIETRA
NEORAL_



CAROL MOREIRA
APHRODIA



CAROLINA BONATELLI
FRACTUS



KAMILLE COSTA
ELLA



LARA KADRI
SOPRO



LAURA TENÓRIO
BENNU



LIA KUODREK
ONICOFAGIA



DÉLIS SOLON
IMPULSE



ELISA BORDIGNON
1X



FLÁVIA DUMMER
FIO



GABRIEL BOHN
PERSONA
LÍQUIDIFICADOR



LUISA LOBATO
DEVANEIO ONÍRICO



NANDA MÜLLER
PARA MEU EU DO FUTURO



MARIA LINHARES
AUTOGNOSE



MARINA TURRA MORO
ALTER EGO



GABRIELA DOYLE
AUGÚRIO



GREG MALAQUIAS
DESVIADA



HELOÍSA YAYOI
REVMA



HENRI ALVES
HIPERABURDO



NATI RÉGIS
SOLITUDE



PAVLA FABBRI
SPECTARE



VITÓRIA BOBSIN
TRÂNSITOS



RAFAELA OTTO
JAMAIS VU

Colaboradores



ANA CLARA
SILVEIRA
Fotografia



MARINA COSTA
Beauty



NOELLE ULIAN
Beauty



CAROL BARRAGANA
Beauty



CAROLINA
BONATELLI
Fotografia



FLÁVIA DUMMER
Fotografia



BRUNO FERRERA
Styling



CARLOS ALI
Styling



ESTÚDIO OVER
DIGITAL
www.overdigital.com.br

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO

SIMPLE ORGANIC



APOIO



RENAUXVIEW



Reitor
Dilmar Baretta

Vice Reitor
Luiz Antonio Ferreira Coelho

Diretora do Centro de Artes
Daiane Dordete Steckert Jacobs

Chefe do Departamento de Moda
Luciana Dornbusch Lopes (até nov. 2022)
Lucas da Rosa (a partir de dez. 2022)

Coordenação Geral do OCTA
Amanda Queiroz Campos

Bolsista/Monitoras
Cíntia Kushi
Vitória Bobsin

Corpo Docente
Adriana Cardoso Pereira
Adriana Martinez Montanheiro
Aline Moreira Monções
Amanda Queiroz Campos
Ana Cláudia Antunes
Balbinette Silveira
Daniela Novelli
Dulce Maria Holanda Maciel
Eliana Gonçalves
Fabiana dos Santos Cunha
Fabiano Garcia
Gabriela Kuhnen
Icléia Silveira
José Alfredo Beirão Filho
Lucas da Rosa
Luciana Dornbusch Lopes
Mara Rúbia Sant'Anna
Mariana Battisti de Abreu
Monique Vandresen
Neide Kohler Schulte
Sandra Regina Rech
Silene Seibel
Valdecir Babinski Júnior

Técnicos Universitários DMO
Fernanda da Silva Lisboa
Trajano da Silveira Junior

GRUPOS DE TRABALHO

Coordenação Geral
Vitória Bobsin
Carolina Moreira

Staffs
Beatriz da Silva Pereira
Cíntia Kushi

Cenário e Exposição
Amanda Britto
Bruna Mores Marcolin
Marina Turra Moro
Nanda Müller
Pavla Fabbri

Staffs
Gabriela Santos de Carvalho
Lorrainny Stephanny Barbosa
Marcela Machado Battisti

Relações Públicas
Carla Pietra
Henri Alves
Joyce Ávila
Julia Schwartz

Assessoria de Imprensa
Ana Claudia Hoffmann
Bárbara Boppré
Délis Solon
Luisa von Wangenheim Lobato
Rafaela Otto

Mídias Sociais
Gabriel Bohn
Gabriela Doyle
Laura Tenório
Maria Linhares

Patrocínio e Financeiro
Flávia Dummer
Heloísa Yayoi

Staff
Vilma Terezinha Carnieletto Izoton
Lago

Material Gráfico

Amanda Wagner Dias
Ana Raupp
Júlia Panceri

Staffs
Gisele Pereira da Silva Grapiglia
Giovanna Sumny Diconcili
Barbara Luersen Lima
Karine Matos de Freitas
Juliana de Azevedo Pereira
Ian Barbosa Alves
Jackelyne Nogueira dos Passos

Audiovisual
Isadora Celeste Tomasi
Jaqueleine Rocha
Lara Kadri
Lia Kuodrek
Nati Régis

Staffs
Amanda Bittencourt
Amanda Vizentainer
Eduarda Pasqualetto
Fernanda Yuna
Giovana Milan
Lucas Ferreira Magalhães

Octa Mag
Adriana Suzena
Akina Daniela Baba
Beatriz Esteves Bastos
Elisa Bordignon
Carolina Bonatelli
Gregory Malaquias
Janielly Barbosa
Kamille Costa

Staffs
Alice Levy da Paz
Beatriz da Silva Pereira
Igor Ribeiro
Isabelle de Barros Miguez
Karina dos Santos da Silva
Larissa Santiago Cabral
Letícia Santandrea Weller
Nicolas Santos Nunes

Thiago Strozak
Victoria Pires Zanon

Prototipagem 3D
Fantastic Studio Fashion
Giovanna Thereza

Produção de Vídeo
Sielski Studio

Direção de Fotografia
Douglas Sielski

Assistente de Câmera
Ana Clara Silveira
Vitor Hoffmeister

Equipe de apoio CEART
DIREÇÃO DE
ADMINISTRAÇÃO
Gustavo Pinto de Araújo
DIREÇÃO DE ENSINO DE
GRADUAÇÃO

Fátima Costa de Lima
DIREÇÃO DE EXTENSÃO
Neide Kohler Schulte
SETOR DE COMPRAS
Ricardo Brandt
SETOR DE FINANÇAS E
CONTAS
Anderson de Oliveira
SERVIÇOS GERAIS

Milton Borges
NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO
Heloíse Guesser
Laís Moser
NÚCLEO DE PRODUÇÃO
CULTURAL
Rodrigo Moreira da Silva
Humberto Böck Fagundes
COORDENADORIA DE
INFORMÁTICA

Jaqueline Costa Alves
RECEPÇÃO E PROTOCOLO
Deise Machado
Evanete de Jesus dos Santos
Cerqueira
Fabiana Machado
NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE
EDUCACIONAL

Arivane Chiarelotto
ESPINE - ESPAÇO INOVADOR
DE ENSINO
Karin Vanelli

Equipe de apoio UDESC
Coordenadora
CHEFE DE GABINETE DO
REITOR
Thiago César Augusto
PRÓ-REITORIA DE
ADMINISTRAÇÃO
COORDENADORIA DE LICITA-
ÇÕES E COMPRAS
COORDENADORIA DE DESEN-
VOLVIMENTO HUMANO
PROCURADORIA JURÍDICA
DA UDESC
SECRETARIA DE
COMUNICAÇÃO
Rodrigo Brüning Schmitt
Luiz Eduardo Schmitt

Biblioteca Universitária
UDESC
Luiza da Silva Kleinubing

Museu da Escola Catarinense
Sandra Makowiecky

Realização
UDESC - CEART - DMO

Apoio
Museu da Escola Catarinense
Haco Etiquetas
Renaux View
MM Conteúdo Criativo
Coleção.Modá

Patrocínio
Audaces
Simple Organic

ISSO É HACO

MATÉRIA-PRIMA
PARA CRIATIVOS



CONHEÇA NOSSAS SOLUÇÕES COMPLETAS EM ID.

HACO.COM.BR

   /HACO_OFICIAL

 /HACO-OFFICIAL

 /HACO.OFICIAL

